

ATOS E ROMANOS



ENCONTRO
COM A PALAVRA

CAPÍTULO 01**“Os Atos do Cristo Ressurreto”**

O Livro de Atos é o único livro histórico do Novo Testamento e serve como elo entre os quatro Evangelhos e as treze cartas de Paulo. Se não fosse esse livro histórico, quando você começasse a ler as cartas de Paulo, perguntaria: “quem é esse apóstolo chamado Paulo? Não vi nada sobre ele nos Evangelhos!”. Sem esse livro que vamos estudar, estaria faltando um importante elo no Novo Testamento.

Os primeiros cinco livros do Novo Testamento poderiam ser considerados históricos. Na verdade, os quatro evangelhos, além de serem biografias inspiradas de Jesus, são também históricos. Entretanto o Livro de Atos se distingue dos Evangelhos porque relata a história da igreja no Novo Testamento.

Este é o início do Livro de Atos: *“Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar até o dia em que, depois de haver dado mandamento por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas”* (Atos 1:1-2).

A partir desses versículos temos conhecimento de que o autor do Livro de Atos é o mesmo que escreveu o Evangelho de Lucas e que ambos foram endereçados à mesma pessoa, a Teófilo, cujo nome

significa “aquele que ama a Deus”. Com certeza o escritor Lucas achou importante que esse homem Teófilo tivesse conhecimento desses dois importantes documentos.

No Livro de Atos, Lucas dá continuidade ao relato que iniciou com o Evangelho que tem o seu nome. Lucas afirmou no seu Evangelho que faria um relato histórico e preciso de tudo o que Jesus fez até Sua ascensão. Entretanto, ele informa, que depois de Sua ascensão, Jesus continuou os Seus feitos, e os seus ensinamentos através dos apóstolos. Por esta razão várias versões da Bíblia intitulam esse livro de “Os Atos dos Apóstolos”.

Depois de compreendermos a importância do dia de Pentecostes talvez pudéssemos considerar que o título “Os Atos do Espírito Santo através dos Apóstolos” fosse mais apropriado para esse livro. Mas como o Apóstolo Pedro atribui todos os sinais e maravilhas do Pentecostes ao Cristo Ressurreto, ainda outro título, “Os Atos do Cristo Ressurreto Através dos Apóstolos” lhe fosse apropriado (2:32-33).

Observe que o Livro de Atos não tem um final. Sua narrativa simplesmente para no capítulo 28. Alguns estudiosos acreditam que Lucas tenha sido preso, e por isso não pode concluir o seu livro. Outros acreditam que o livro não termina porque ele conta a história da igreja e essa história ainda está sendo escrita.

O Que Procurar no Livro de Atos

Como o Livro de Atos é histórico, você deve fazer a mesma abordagem que fez quando estudou os doze livros históricos do Velho Testamento. Sobre a História dos Hebreus Paulo escreveu: *“Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado”* (I Coríntios 10:11). Por isso procure os exemplos e as advertências do Livro de Atos.

O Propósito da Igreja

Na leitura desse livro histórico, procure descobrir qual o propósito da igreja. Nos últimos dias que Jesus passou com os apóstolos instituiu a chamada “Grande Comissão” que está registrada no final de cada um dos Evangelhos. De acordo com Mateus, essas foram as últimas palavras de Jesus para os discípulos: *“Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século”* (Mateus 28:18-20).

O livro histórico do Novo Testamento inicia como terminam os Evangelhos, ou seja, com a Grande Comissão. A Grande Comissão possui uma ordem e esta é “fazer discípulos”. Essa ordem imperativa de Jesus cumpre-se à medida que quatro ações

acontecem com os verbos no modo gerúndio: indo, pregando, batizando e ensinando.

É exatamente isso o que o Livro de Atos descreve. Os apóstolos fizeram discípulos indo, pregando, batizando e ensinando. Desde o seu começo, a Igreja teve como propósito a Grande Comissão, que é o “tratado da igreja”. Como qualquer outra organização, a igreja deve cumprir os termos desse tratado para que não deixe de existir.

O Propósito Dado à Igreja

O primeiro versículo deste livro informa que antes de ascender ao céu, Jesus deixou os mandamentos para os apóstolos. Além da Grande Comissão, Jesus também ordenou que eles esperassem a promessa do Pai (cf. Atos 1:4-5). Na Última Ceia Jesus prometeu que mandaria o Espírito Santo e agora, ordenou que eles aguardassem, e só dessem o primeiro passo em obediência à Grande Comissão, depois que a promessa fosse cumprida.

As Escrituras têm muito que nos dizer sobre esperar no Senhor. Um dos meus sermões preferidos é o que Isaías pregou sobre esperar no Senhor: *“mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam”* (Isaías 40:31).

Quando Isaías disse ao povo de Deus para comportar-se como uma águia, ele estava ensinando uma

importante lição sobre fé. Há momentos em que as águias não voam. Quando uma águia vê que se aproxima uma tempestade, ela fica sentada sobre seu ninho por várias horas, esperando o momento de maior velocidade dos ventos, quando então ela salta num voo de aproximadamente cinco metros acima do seu ninho, abrindo as asas e encontrando naqueles ventos fortes, a aerodinâmica necessária para voar acima da tempestade.

Quando lemos o primeiro capítulo de Atos temos essa visão da igreja como uma águia, esperando no seu ninho pelo forte vento do Espírito Santo que veio no dia do Pentecostes. No segundo capítulo, observamos a águia saltando do ninho, confiando na força do vento para conseguir a aerodinâmica e voar acima das adversidades.

O Poder Dado à Igreja

O capítulo dois descreve a vinda do Espírito Santo no dia do Pentecostes. Esse foi um dos eventos mais importantes de toda a história do povo de Deus, porque a igreja simplesmente não tem como cumprir o seu propósito se não tiver o poder do Espírito Santo sobre ela.

A Atuação da Igreja

Você deve estar lembrado de que no Sermão do Monte, Jesus não enfatizou o discurso que devemos ter, mas sim o nosso comportamento, as nossas atitudes (cf. Mateus 5-7). De acordo com Je-

sus, o mais importante não é o que dizemos, mas sim o que fazemos. Ele enfatizou esse princípio quando ensinou os apóstolos, e o mundo do primeiro século d.C. foi impactado com as várias características da atuação da igreja primitiva.

Em primeiro lugar observamos a pregação dos apóstolos. Encontramos pregações maravilhosas nesse livro e a primeira delas foi no dia do Pentecostes. O resultado mais surpreendente do Pentecostes foi o acréscimo de três mil discípulos, resultantes da pregação de Pedro e os milhares que se converteram depois daquele dia.

A pregação dos apóstolos no Livro de Atos era ungida. Com isso quero dizer que o Espírito Santo vinha sobre eles quando pregavam. Isso na Bíblia chama-se “unção” e representa a capacitação que é derramada pelo Espírito Santo sobre aquele que está pregando ou ministrando os dons do Espírito.

Dê especial atenção aos sermões de Pedro no Livro de Atos. Aparentemente não havia nada de especial neles. Mas milhares de pessoas se convertiam cada vez que ele pregava. Os resultados eram sobrenaturais porque Pedro tinha a unção do Espírito Santo sobre si quando pregava. Os discípulos foram acusados de encher a cidade de Jerusalém com os ensinamentos de Jesus (cf. Atos 5:28). Será que hoje, nós, seguidores de Jesus, estamos capacitados para receber a mesma acusação? Será que

haveria evidências suficientes para recebermos tal acusação?

Afinal, o Que é Uma Igreja? “Igreja” é a tradução do termo grego “eclésia” que significa “assembleia do povo” ou “os chamados”. Essa palavra significa “uma assembleia de fiéis seguidores do Cristo vivo e ressurreto, chamados para ter comunhão com Ele e uns com os outros”. Na sua essência, a palavra “igreja” significa “povo”. O Livro de Atos destaca pelo menos cinquenta personagens da Igreja no Novo Testamento.

Esse Livro narra a história de pessoas absolutamente comuns, fazendo coisas extraordinárias porque foram ungidas e cheias do Espírito Santo de Deus. O mesmo Deus e o mesmo Poder do Espírito estão disponíveis hoje para que façamos a obra de Jesus (cf. Mateus 28:18-20).

Como é que fazemos hoje, quando servimos ao Senhor? Na Sua presença esperamos pela unção do Espírito Santo que nos capacita, ou fazemos Sua obra com nossas próprias forças? Uma das mensagens do Livro de Atos é que sem a ajuda de Deus não podemos fazer Sua obra. Devemos, portanto, esperar pelo poder do Espírito Santo antes de tentarmos fazer a obra do Cristo vivo e ressurreto.

CAPÍTULO 02

“As Marcas Visíveis da Igreja Invisível”

O capítulo dois do Livro de Atos começa com a descrição do dia do Pentecostes, que veio a ser o dia do nascimento da igreja (cf. Atos 2:1-18). Lendo esse capítulo observamos que o dia do Pentecostes era um feriado santo dos judeus. Era o dia de comemoração e agradecimento a Deus pela colheita. Foi no dia do Pentecostes que o Cristo ressurreto iniciou a construção da igreja que iria evangelizar o mundo com Ele e para Ele.

Hoje isso é possível porque naquele dia o Espírito Santo veio com grande poder. *“...veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas de fogo, e pousou uma sobre cada um deles”* (2:3). Aquelas pessoas começaram a falar em línguas e a “profetizar”.

Uma pergunta e sua resposta mostram o que representava aquele acontecimento milagroso. A pergunta é: *“o que significa isso?”*. A resposta foi dada por Pedro em seu sermão: *“o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel”* (2:16). Joel havia profetizado que nos últimos dias Deus derramaria do Seu Espírito sobre Seus filhos e Suas filhas e eles profetizariam (Joel 2:28-29).

A mensagem que veio através do milagre das línguas de fogo é chamada de “profecia”, uma mensagem de Deus para o povo.

Paulo escreveu sobre esse milagre do “dom de línguas”. Ele afirmou claramente que o dom de línguas é diferente das línguas faladas no dia do Pentecostes: *“Pois quem fala em outra língua não fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios”* (I Coríntios 14:2).

Quando um crente exercita o dom de línguas sua mensagem não é dirigida aos ouvidos dos homens. Ele está falando com Deus. As línguas que foram faladas no dia do Pentecostes eram uma profecia, uma mensagem de Deus para os homens. Aqueles línguas eram um dos muitos sinais e maravilhas que acompanharam a vinda do Espírito Santo no dia do Pentecostes.

O Livro de Atos relata outros Pentecostes depois daquele dia. O primeiro deles foi em Jerusalém, depois em Samaria, e depois muitos outros, quando os discípulos passaram a evangelizar o mundo não judeu. Observe que para cada um desses acontecimentos houve um Pentecostes diferente e sempre relacionado com o propósito dado a Igreja na Grande Comissão: *“...mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra”* (Atos 1:8).

“Marcas Visíveis da Igreja Invisível”

Existe mais uma observação que você deve fazer na leitura do Livro de Atos. Observe os padrões que surgiram na primeira geração da igreja. Primeiro observe o padrão da igreja em si. Podemos chamar esses padrões de “As Marcas Visíveis da Igreja Invisível”. Os teólogos falam em igreja visível e invisível ou Igreja local e universal. A comunhão dos crentes da qual você participa e na qual você atua é a igreja visível ou local; a expressão Igreja universal ou invisível é a igreja que o Cristo ressurreto está construindo em todo o mundo.

Como podemos saber se nossa igreja local é uma expressão visível da Igreja universal e invisível? Assim como deixamos nossas impressões digitais naquilo que tocamos, a igreja pode ser identificada pelas nossas “impressões digitais”.

A seguir identificaremos algumas marcas da igreja dos primeiros séculos. A igreja de Atos tinha “impressões digitais”, que eram marcas visíveis da Igreja verdadeira e universal.

Evangelismo é a marca do “polegar” da igreja que nasceu no dia do Pentecostes. Os apóstolos entenderam que deveriam sair como missionários e evangelistas. Três mil pessoas se converteram só no dia do Pentecostes e milhares se converteram mais tarde, à medida que os apóstolos e outros crentes pregavam o Evangelho.

Ensino: corresponde à marca do “dedo indicador” da igreja. Os novos convertidos mantinham-se no ensino e na comunhão, no partir do pão e nas orações com os apóstolos (cf. Atos 2:42).

A marca do “dedo do meio” da igreja invisível era a comunhão. Os apóstolos acreditavam que deveriam interagir com o povo que estava recebendo o ensino. A palavra grega para “comunhão” é “koinonia” e significa estar em sociedade, numa parceria baseada na aliança e no compromisso. Esse compromisso da primeira geração de crentes era, antes de tudo, com o Cristo ressurreto e depois, uns com os outros.

De onde os apóstolos tiraram o ensino que possibilitava àqueles que estavam aprendendo a ter comunhão com os que estavam ensinando? Você deve se lembrar de que no estudo do Evangelho de João, quando os apóstolos perguntaram a Jesus onde Ele vivia, (cf. João 1:37-39), Jesus respondeu com um convite para que eles fossem e vissem onde e como Ele vivia. Eles foram viram e viveram com Ele durante três anos. É por isso que não devemos nos surpreender quando lemos que aqueles que se converteram no dia do Pentecostes tinham uma comunhão especial com os que os fizeram discípulos.

A marca do “dedo anular” era a adoração. Lemos que os convertidos “partiam o pão” com os após-

tolos (cf. Atos 2:42), cujo significado é participar da Mesa da Comunhão. Quando Jesus instituiu o que chamamos de “Mesa do Senhor” e instruiu que dela participássemos até a Sua volta (cf. I Coríntios 11,26), estava instruindo os apóstolos quanto à forma de adoração da igreja. (cf. Lucas 22:14-19). Por isso quando os discípulos se reuniram pela primeira vez fizeram-no em adoração, observando a Mesa do Senhor.

Os novos convertidos também permaneciam com os apóstolos em oração. Essa é a marca da igreja invisível, representada pelo “dedo mindinho”. Só conseguiremos fazer a obra do Cristo ressurreto se estivermos n’Ele, em contínua oração e recebendo o poder da Videira espiritual, que é o próprio Cristo vivo (cf. João 15:1-16). Jesus tinha ensinado os discípulos a orar sem cessar e com perseverança, pedindo, buscando e batendo, porque todo aquele que assim fizer vai receber o que pede, encontrar o que busca, e a porta se lhe abrirá, e Deus, o Pai, lhe dará o Espírito Santo (cf. Lucas 11:9-13; Mateus 7:7-11).

“Onde Ele Está?”

Logo no início do Novo Testamento encontramos um sábio fazendo essa pergunta: “*Onde está o recém-nascido Rei dos judeus?*” (Mateus 2:2). Em Mateus 16:18 Jesus disse que Ele estava edificando Sua igreja e que os poderes do Inferno não teriam poder para impedi-Lo. O apóstolo João, em Apoca-

lipse 1:13-2:1 relata uma Revelação do Cristo vivo e ressurreto andando entre Suas Igrejas.

Essa é a resposta à pergunta do sábio: “no meio” das igrejas. É onde Ele está e o que Ele faz até hoje. Ele começou essa obra milagrosa no Livro de Atos e continua trabalhando nela. Como avaliar a saúde ou detectar os “sinais vitais” das igrejas locais hoje? Primeiro procura-se pelas evidências dessas impressões digitais. Depois que as encontrarmos poderemos classificar a igreja graduando-a numa escala de um a dez, com os ministérios de: evangelismo, ensino, comunhão, adoração e oração; e depois compará-la com a igreja do livro de Atos.

Assim teremos condições de avaliar em que grau nossa igreja local é uma expressão visível da igreja do Jesus Cristo ressurreto, que continua edificando Sua igreja em todo mundo.

CAPÍTULO 03

A Profecia de Amós

Quase que imediatamente ao seu surgimento, a Igreja do Novo Testamento encontrou ameaças e grandes desafios. À medida que analisamos a maneira como seus líderes trataram da perseguição

que vinha de fora e dos problemas que surgiram dentro da igreja, deparamo-nos com os padrões dessa igreja. Esses padrões estão como exemplos e advertências do apóstolo Paulo e servem para nós hoje (cf. I Coríntios 10:11).

Como um primeiro exemplo de padrão observado logo no início da história da igreja podemos citar o padrão de doar. Lemos que aqueles que possuíam propriedades as vendiam e traziam o dinheiro da venda para os apóstolos, para que fosse distribuído de acordo com as necessidades dos crentes. Eles davam mais do que o dízimo ou oferta ou até mesmo um sacrifício; eles davam tudo que tinham.

Outro padrão que se observa é o da desobediência civil. Jesus disse: *“Daí, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”* (Mateus 22:21). Deus não pede o que é de César, mas às vezes, César pede o que é de Deus. E quando isso acontece, aprendemos com o exemplo do Novo Testamento que não devemos dar a César, o que contraria o mandamento de Deus.

Jesus ordenou que os apóstolos pregassem o Seu nome e o Seu Evangelho. Os religiosos e as autoridades civis ordenaram que nem sequer se falasse mais nesse nome (cf. Atos 4:18). A primeira vez que isso aconteceu, os apóstolos não foram enfáticos e justificaram para as autoridades que por serem homens simples e leigos não saberiam dizer se

era mais certo, ouvir a Deus ou a seus governantes. Depois disso, eles tiveram uma reunião de oração e na vez seguinte em que as autoridades os proibiram de pregar o Evangelho de Cristo, eles imediatamente responderam: *“Antes importa obedecer a Deus do que aos homens”* (Atos 5:29). Isso é desobediência civil!

Há momentos em que os seguidores de Cristo, atendendo ao seu chamado, devem sofrer as consequências de obedecer a Deus e a Cristo e não aos homens. Durante todos esses séculos e ainda hoje crentes sofrem as consequências de suas escolhas por Cristo. De 1940 até o final da segunda guerra mundial o número de pessoas que morreram por causa de sua fé, é maior do que todas as mortes do resto da história da igreja.

Outro padrão da igreja primitiva é a disciplina. Certo homem chamado Ananias e sua mulher, Safira, a exemplo do que faziam outros discípulos, também venderam uma fazenda. Mas eles mentiram aos apóstolos a respeito do valor da venda. Nesse episódio Pedro demonstrou ter um profundo discernimento. Ele perguntou: *“Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo?...Não mentiste aos homens, mas a Deus”* (Atos 5:3 e 4). Quando confrontados individualmente com seus pecados, Ananias e Safira caíram mortos!

Essa disciplina tão severa manteve a igreja pura e colocou temor de Deus e reverência no coração dos discípulos e a sociedade secular de Jerusalém sabia que se tornar seguidor de Cristo e fazer parte da Sua igreja era alguma coisa muito séria (cf. 5:11-13).

No capítulo seis de Atos temos um padrão que deve ser observado no crescimento da igreja. A igreja crescia rapidamente, e o povo vivia em comunidade. Milhares de pessoas viviam juntas e era necessário um programa de alimentação diário. (cf. 6:1). Era o que acontecia na igreja primitiva. Os apóstolos perceberam que estavam se afastando do ministério da Palavra de Deus para organizar esse programa. Convocaram então uma grande assembléia e disseram: *“Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas. Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra”* (6:2-4).

Assim, eles elegeram os que deveriam cuidar desse departamento da igreja e se dedicaram inteiramente à oração e à ministração da Palavra de Deus. Essa foi uma decisão tomada sob a bênção de Deus e resultou na disseminação do Evangelho na cidade de Jerusalém. Foi assim que se originou a função na igreja que muitos chamam de diácono. Era responsabilidade dos diáconos eleitos adminis-

trar esse departamento para que os que tivessem o dom do pastorado ficassem livres para exercê-lo com toda eficácia.

Com isso a igreja estabeleceu o princípio que existe um lugar no corpo de Cristo para cada um dos Seus discípulos. Todos que têm a unção do Espírito Santo possuem dons espirituais. Alguns desses dons são pastorais; outros são dons espirituais práticos.

Os dons práticos descritos no Novo Testamento como dons de “ajuda”, “governo”, “administração”, são dons espirituais assim como o são os dons de pregação, ensino e evangelização. Cada discípulo deve assumir o seu lugar e exercer o dom que Deus lhe deu. Uma igreja que aceita e aplica esse padrão será abençoada e crescerá.

Você já descobriu qual é o seu dom espiritual? Quando o descobrir, entregue-se totalmente ao ministério para o qual o Senhor o equipou. Às vezes um discípulo que se mostrou fiel exercendo o ministério prático, passa a exercer o ministério pastoral. Foi isso o que aconteceu com o mártir Estevão e com o evangelista Filipe; esses dois se mostraram fiéis diáconos, depois se tornaram valorosos evangelistas.

Outro padrão que encontramos no Livro de Atos é o martírio. Existe uma citação referente à histó-

ria da igreja que diz: “o sangue dos mártires é a semente que faz a igreja crescer”. Estevão deu sua vida por causa de um sermão (cf. 7:54-60). Quando Estevão foi martirizado por causa da sua fé, um homem chamado Saulo de Tarso segurava as capas daqueles que o apedrejavam. A conversão de Saulo pode ter sido influenciada pelo martírio de Estevão e assim ser verdadeira a citação acima, a respeito de ter sido o sangue dos mártires a semente que fez a igreja crescer.

Outro padrão da igreja é o de cura. Lucas enfatiza a cura nesse relato histórico da igreja, assim como fazem também os outros autores dos Evangelhos. De acordo com o relato de Lucas, o Cristo vivo continuou o seu ministério de cura através dos apóstolos.

Pedro e João encontraram um homem de quarenta anos, paralítico desde o nascimento, sentado à porta do templo. Durante toda sua vida, ele sempre teve alguém que o levava até aquele lugar onde ele pedia esmolas. Quando Pedro e João passavam pela porta de entrada do templo, o homem estava lá, com sua “canequinha” estendida pedindo esmola. Pedro disse: *“Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda!”* (3:6).

Aquele homem, além de se levantar e andar entrou pelo templo pulando e louvando a Deus! Um líder moderno da igreja, recentemente disse que

a igreja não precisa mais dizer: “não possuo prata nem ouro”; um humilde servo do Senhor respondeu: “nem tão pouco pode dizer ‘em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda!’”.

Essa cura, assim como a que Jesus operou no homem que estava próximo ao Poço de Betesda (cf. João 5), deu aos apóstolos uma grande oportunidade de pregar o Evangelho. As autoridades religiosas ficaram chocadas ao verem aqueles pescadores analfabetos discursar no Templo. Eles os prenderam e os proibiram de pregar, mas não podiam negar o fato de que eles tinham operado aquele milagre de cura. A origem desse ministério de cura está no poder do Espírito Santo, o carisma da igreja do Novo Testamento.

Outro padrão da igreja primitiva foi manifestado no poder que foi dado à igreja. Através desse padrão vemos a atuação da igreja que o mundo não podia negar.

O Padrão do Martírio

Estevão, que foi um dos primeiros discípulos a serem eleitos como diácono, passou do dom prático para o pastoral e se tornou um grande pregador. Quando ele pregou diante do sinédrio, grupo formado pelos líderes religiosos judeus, ele o fez no poder do Espírito Santo. Pregar não é só uma questão de conhecimento e de usar bem as palavras. Pregar é um dom espiritual prático e se não

for feito com a unção do Espírito Santo, não segue o modelo de pregação deste livro.

Em seu sermão Estevão recapitulou os trinta e nove livros do Velho Testamento, demonstrando ter um incrível conhecimento das Escrituras. Ele começou com Abraão, mencionou Isaaque, Jacó, passou pelos ministérios de José, Moisés, Josué, Davi e Salomão. Ele abordou toda a história dos Hebreus até o cativeiro babilônico.

O propósito do sermão de Estevão não foi evangelístico, mesmo tendo dado frutos, como veremos depois. O propósito do seu sermão foi anunciar aos líderes religiosos que eles tinham rejeitado a graça, o amor e a salvação de Deus. Eles rejeitaram tudo de bom que Deus tinha planejado lhes dar ando com a rejeição do próprio Senhor Jesus Cristo, o Senhor de Estevão, o Messias.

Revendo toda a história dos hebreus, Estevão tentou mostrar àqueles líderes religiosos que eles sempre tinham rejeitado a salvação de Deus. Podemos imaginar a resposta que Estevão obteve: *“Ouvindo eles isto, enfureciam-se no seu coração e rilhavam os dentes contra ele. Mas Estevão, cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus e Jesus, que estava à sua direita, e disse: ‘Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, em pé à destra de Deus. E lançando-o fora da cidade, o apedrejaram. As testemunhas deixaram suas vestes*

aos pés de um jovem chamado Saulo. E apedrejaram Estevão, que invocava e dizia: ‘Senhor Jesus, recebe o meu espírito!’. Então, ajoelhando-se, clamou em alta voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. Com estas palavras, adormeceu”. (7:54-60).

Estevão estava cheio do Espírito por ocasião de sua morte. Ele viu Deus e Cristo e morreu sob a inspiração do Senhor: orando e pedindo o perdão para aqueles que estavam tirando sua vida.

No apedrejamento de Estevão temos o nosso primeiro contato com um grande missionário e plantador de igrejas; um pastor, professor e autor da história da igreja de Jesus Cristo. Quando o conhecemos ele estava segurando as capas daqueles que apedrejavam Estevão. Essa pessoa é Saulo de Tarso, que se tornou o apóstolo Paulo.

Quando ficamos conhecendo a história desse jovem chamado Saulo de Tarso, podemos ter uma ideia como e por que a pregação e o exemplo de Estevão causaram um impacto tão grande na sua vida. Saulo era “fariseu dos fariseus” e tinha um compromisso fanático de preservar as doutrinas ortodoxas da fé judaica. Ele odiava os ensinamentos de Jesus que considerava uma nova seita e uma ameaça ao judaísmo.

Sendo um judeu ortodoxo, estudioso e conhecedor da história judaica, duas coisas devem ter impres-

sionado Saulo nesse episódio. A morte de Estevão, semelhante à de Cristo, morrendo pelas suas convicções, e o sermão ungido de Estevão, através do qual talvez ele tenha se convencido.

Você estaria disposto a morrer por Jesus Cristo como Estevão fez? Você teria essa graça para perdoar os seus inimigos? Talvez essa pergunta seja mais difícil: você tem a disposição e a graça necessária para viver por Jesus Cristo?

CAPÍTULO 04

“Como Fazer Discípulo”

Como exatamente fazemos discípulos? Tem uma história em Atos que responde a essa pergunta (Atos 8:26-40). A história de um homem chamado Filipe, um dos diáconos que, como Estevão, exercia um padrão espiritual prático e passou para um padrão pastoral tornando-se um evangelista. Este viajou para Samaria e lá teve um ministério evangelístico frutífero.

Durante essa cruzada evangelística, o Senhor falou com Filipe através de um anjo: *“Dispõe-te e vai para o lado do Sul, no caminho que desce de Jerusalém a Gaza; este se acha deserto. Ele se levantou e foi”* (Atos 8:26). Geralmente a maioria dos evangelistas vai para

as cidades; Filipe obedeceu e foi para o deserto.

Chegando lá, Filipe viu uma procissão de carruagens reais que atravessavam o deserto. O Espírito o levou a uma carruagem em particular. O texto do original em grego sugere que “aquela carruagem se distinguia das outras”. É por isso que sabemos que era uma caravana de carruagens. Quando Filipe se aproximou daquela carruagem, encontrou o tesoureiro da Etiópia lendo o capítulo 53 do Livro de Isaías.

Esse etíope que era um político, provavelmente tinha viajado da Etiópia para Jerusalém porque estava espiritualmente faminto. Mas quando chegou em Jerusalém encontrou o mesmo tipo de religião vazia e sem amor que Jesus tanto combateu. Ele não encontrou em Jerusalém, o que procurava, mas conseguiu sair de lá com uma cópia do livro de Isaías. Esse era o texto que ele estava lendo em voz alta: *“Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos”* (Isaías 53:6).

Filipe perguntou ao etíope: *“Compreendes o que vens lendo? Ele respondeu: Como poderei entender, se alguém não me explicar?”* (Atos 8:30 e 31). Filipe subiu na carruagem e foi com ele, explicando que aquela passagem de Isaías anunciava o Evangelho de Jesus Cristo.

Filipe fez sua abordagem do Evangelho, anunciando por fim que a fé em Jesus é confirmada pelo batismo nas águas. Lemos que o etíope disse: *“Eis aqui água; que impede que seja eu batizado? Filipe respondeu: É lícito, se crês de todo o coração”*.

Esse é o grande pré-requisito para o batismo nas águas: “crer de todo coração”. A igreja se divide quanto ao modo de batismo dos crentes. Mas, o importante a respeito do batismo, não é a forma como ele é ministrado, mas o seu significado. A Grande Comissão ordenou: *“Fazei discípulos ... indo, pregando, batizando e ensinando”*.

O batismo é como uma cerimônia de casamento. Quando um homem pede uma mulher em casamento e ela o aceita, acontece um momento sagrado para eles. Quando eles convidam suas família e amigos para a cerimônia, estão confirmando publicamente o compromisso já firmado entre eles. Quando uma pessoa, como foi com aquele etíope, crê em Jesus, assume um compromisso particular que é confirmado publicamente através do batismo.

Quando Jesus incluiu o batismo na Grande Comissão, impossibilitou que alguém O siga e professe sua fé em segredo. Como uma pessoa professa a fé em Jesus Cristo? Entrando para uma igreja? Levantando a mão depois da pregação do pastor? Entenda que o batismo não salva ninguém, mas ele é a confissão pública da fé instituída por Jesus Cristo.

Uma História Sobre Pedro

Antes de estudarmos a conversão de Saulo de Tarso (Capítulo 9), vamos ver a história de Pedro (Capítulos 10 e 11) que deve ser estudada junto com a história de Filipe, porque as duas histórias mostram como fazer discípulos.

Enquanto Pedro tirava uma soneca no terraço de uma casa, teve uma visão de um lençol suspenso pelos quatro cantos. Nesse lençol havia vários animais que aos judeus era proibido comer (cf. 10:13). Pedro disse várias vezes: *“Jamais! Jamais vou comer esse tipo de carne”*.

Foi quando bateram na porta da casa. O Espírito Santo tinha avisado Pedro que ele deveria acompanhar aqueles homens que batiam na porta e faziam perguntas. Esses homens eram servos de um centurião romano chamado Cornélio. Eles explicaram que Cornélio teve uma visão enquanto orava, na qual recebeu instruções para que mandasse seus servos até a casa de Simão, o curtidor, e perguntasse por um homem chamado Pedro, que diria o que ele e toda sua casa deveriam fazer para ser salvos.

Pense no preconceito que Pedro teve de superar. Cornélio, além de ser gentio, era inimigo de Pedro. Os judeus se referiam aos gentios como a cachorros, porque acreditavam que uma pessoa que não fosse judia tinha a consciência espiritual desse animal. Na verdade, para o judeu era proibido até mesmo entrar

na casa de alguém que não fosse judeu. E agora Pedro tinha sido instruído a anunciar a salvação na casa de um gentio e centurião romano!

Quando Pedro chegou na casa de Cornélio, encontrou toda sua família reunida para ouvir a pregação do Evangelho. Nesse momento Pedro entendeu o significado da visão. Aqueles animais impuros representavam os gentios, pessoas consideradas impuras.

As primeiras palavras de Pedro foram: *“Vós bem sabeis que é proibido a um judeu ajuntar-se ou mesmo aproximar-se de alguém de outra raça; mas Deus me mostrou que a nenhum homem considerasse comum ou imundo”* (Atos 10:28).

Enquanto Pedro pregava o Evangelho, aconteceu algo semelhante ao que aconteceu no dia do Pentecostes. A Bíblia conta que *“caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra”* (44). Quando Pedro relata o ocorrido aos outros apóstolos, acrescenta: *“...como também sobre nós, no princípio”* (11:15). Esse Pentecostes aconteceu quando o Cristo ressurreto cruzou as barreiras do preconceito entre o mundo judeu e o mundo gentio, para edificar Sua igreja.

A Corrente de Três Elos

Encontramos nessas duas narrativas referentes a Filipe e a Pedro, a fórmula de como fazer discípu-

los. Esses dois exemplos mostram que é como se existisse uma corrente de três elos entre Deus e os perdidos. O primeiro elo é o Espírito Santo; o segundo, a Palavra de Deus e o terceiro é um servo de Deus – aquele que faz discípulos.

Para fazer discípulos, o Espírito Santo deve trabalhar na pessoa que faz discípulos, e através dela, preparando-a, a fim de apresentar-lhe o Evangelho de Jesus Cristo. É preciso que o Espírito Santo trabalhe também na pessoa perdida, fazendo com que ela tenha uma fome espiritual como tiveram o Etíope e o centurião romano.

A Palavra de Deus ou o Evangelho deve estar em posição de servir como ferramenta que Deus vai usar. Quando a semente da Palavra de Deus é recebida com fé, acontece a concepção espiritual (cf. I Pedro 1:22,23).

O servo do Senhor, a pessoa que faz discípulos também tem de se posicionar. Ser um servo disposto, disponível e fiel, como foram Filipe e Pedro; ser o terceiro elo essencial dessa corrente entre Deus e o povo perdido. É empolgante pensar que Deus escolhe pessoas como você e eu para ser Seus agentes que compartilham as Boas Novas com os que estão perdidos.

Quais são as evidências de que o Espírito Santo está trabalhando na vida das pessoas perdidas que

nunca ouviram nem aceitaram o Evangelho? Com esses dois exemplos Lucas nos aponta evidências de atividade espiritual muito claras. Pode ser que não sejam tão óbvias na nossa interação com as pessoas perdidas, mas, se orando buscarmos essas evidências, nós as encontraremos.

Uma boa maneira de iniciar uma conversar para falar do Evangelho, é fazendo a pergunta: “você se interessa pelas coisas espirituais?”. O pior que pode acontecer é a pessoa responder: “não”. Se você tiver a fé e a coragem necessária para fazer essa pergunta, perceberá que as pessoas estão interessadas pelo que é espiritual. As pessoas perdidas precisam de um servo de Deus que suba na carruagem com elas e as ajude a entender o que a Palavra de Deus tem a dizer, e que pode mudar suas vidas e trazer-lhes salvação.

É necessário que você se coloque como o terceiro elo na corrente entre Deus e a pessoa perdida, quando perceber que o Espírito Santo está trabalhando em sua vida e quer levá-lo a compartilhar o Evangelho com essa pessoa. Assumi esse compromisso com Deus de ser o terceiro elo, achando que não encontraria nenhum etíope nem centurião romano pela frente. Estava enganado. Desde que assumi esse compromisso em 1957, tenho encontrado pessoas e visto muitas delas abraçar a fé em Cristo e experimentar o novo nascimento. Quando eu era novo na fé e o Espírito Santo me le-

vava a compartilhar o Evangelho com alguém, eu era muito tímido e sem autoconfiança. Quando entendi esse conceito do terceiro elo, compreendi, e comprovei várias vezes, que os dois primeiros elos nessa corrente são muito fortes e que a salvação das pessoas perdidas não depende em nada da nossa inteligência, nem do nosso poder de persuasão. Somos o elo mais fraco dessa corrente; mas por alguma razão que eu não entendo, Deus escolheu usar esse elo fraco, de carne e osso para trazer o perdido para a fé e para a salvação. Às vezes Deus prefere fazer esse milagre sem a nossa participação. Mas o Cristo vivo e ressurreto é a Videira que procura seus ramos, através dos quais pode produzir “frutos que permaneçam” (cf. João 15:16).

Você já compartilhou as boas novas com outras pessoas? Você é obediente à Grande Comissão dada por Jesus Cristo? Se a resposta for não, eu o desafio a pedir que Deus lhe mostre que Ele está pronto para trabalhar na vida daqueles que estão ao seu redor. Depois peça a Deus que lhe dê a coragem que Pedro e Filipe tiveram para compartilhar a mensagem da Sua graça e misericórdia.

Quando compartilhamos o Evangelho, experimentamos a alegria de obedecer a Cristo e ser usado por Ele. Quando proclamamos as Boas Novas de Cristo com as pessoas perdidas, estamos marcando suas vidas de uma maneira que vai durar para toda a eternidade. A minha oração é que durante

o estudo do Livro de Atos você seja ungido com o poder do Espírito Santo, para ter a mesma coragem que Pedro, Filipe, Paulo e tantos outros homens de Deus tiveram.

CAPÍTULO 05

“O Pentecostes Pessoal de Paulo”

“Saulo, respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém. Seguindo ele estrada fora, ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor, e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues; mas levanta-te e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer” (Atos 9:1-6).

Essas palavras, tão familiares para alguns, descrevem a conversão de Saulo de Tarso, a chamada “Experiência da Estrada de Damasco”. Não dá para estudar a vida de Paulo sem falar de suas “experiências”. Como já vimos na sua primeira aparição nos relatos bíblicos, ele odiava os cristãos, mas sua experiência na estrada de Damasco é a primeira de

muitas que teve, que fizeram dele o grande apóstolo missionário da igreja de Jesus Cristo.

Há vários registros no Livro de Atos, em que Paulo descreveu sua primeira experiência. Diante de multidões furiosas, de governadores romanos, diante de um rei e uma rainha, em tribunais religiosos e por fim em suas cartas.

Paulo, na verdade, conta três experiências que fizeram dele o apóstolo mais frutífero da história da igreja. Sua primeira experiência foi sua conversão na estrada de Damasco. Ele também relata outra experiência no deserto da Arábia, que é explicada com detalhes na sua carta aos Gálatas (cf. Gálatas 1:11-2:10). E a terceira experiência celestial que impactou sua vida está em II Coríntios 12:14. Essa experiência pode ter ocorrido quando ele foi apedrejado em Listra (cf. Atos 14:19 e 20) e convenceu Paulo de que ele não precisa esperar a morte para conhecer o céu. O tema de sua Carta aos Efésios é: “nos lugares celestiais”, e significa que podemos viver na dimensão celestial enquanto vivemos aqui na terra (cf. Efésios 1:3). Não podemos falar desse apóstolo extraordinário, sem falar dessas três experiências.

Há algumas observações que devemos fazer referentes à primeira experiência de conversão desse homem que odiava os cristãos. Primeiro Saulo ouviu uma voz chamando-o pelo nome e lhe per-

guntando: “por que me persegues?”. Aqui, mas uma vez, temos o Cristo ressurreto identificando-Se com Sua Igreja. Saulo perseguia a igreja, mas a pergunta do Cristo ressurreto foi: “por que me persegues?”. A mensagem de Jesus é clara: “quando você persegue Minha Igreja, você está Me perseguindo”.

Paulo respondeu com outra pergunta: “Quem és tu, Senhor?”. Ele não sabia com quem estava falando, mas sabia que, quem quer que fosse, era seu Senhor.

No episódio da conversão de Saulo existe uma metáfora que nos ajuda a entender o conceito de “mansidão”. Aprendemos com esse episódio, que para ser “manso” tem-se que ser “domado”. Um cavalo selvagem, que nunca usou freio na boca, ou cabresto, ou sela, tem de ser domado. Depois disso ele atinge o ponto ideal; para de resistir ao freio e passa a obedecer ao comando que recebe. Quando isso acontece, o cavalo não se torna fraco, mas se torna domado, manso.

Quando o Cristo ressurreto questionou Saulo, Ele estava dizendo: “por que você resiste a esse cabresto e a esse freio na sua boca? É pior para você”. Com essa ilustração podemos dizer que o Espírito Santo já vinha trabalhando com Paulo antes da experiência na Estrada de Damasco, falando com ele através do testemunho de Estevão e de

outros cristãos que ele perseguia. Quando Saulo entrou na cidade, numa atitude de obediência ao mandato de Jesus, mostrou que aceitaria o cetro e se tornaria manso (cf. Atos 9:6).

Em toda Bíblia, as cartas de Paulo são onde mais lemos a respeito do que Deus fez por nós, dando-nos a salvação através de Cristo. Quando Paulo encontrou Jesus, não perguntou: “o que o Senhor vai fazer por mim?”. Para ele, a questão foi saber: “o queres que eu faça por Ti?”.

Como resultado da conversão, a visão de Paulo mudou drasticamente. Entre outras coisas, ele mudou seu nome. O nome Saulo em hebraico significa “o poderoso” ou “o grande”. Quando ele se converteu, decidiu usar o nome romano Paulo.

Essa decisão pode ter sido estratégica e motivada pelo chamado para alcançar todo o mundo não judeu no Império Romano. Entretanto, não podemos ignorar que Saulo significa “o grande” ou “o poderoso” e Paulo significa “pequeno” ou “ninguém”! Não há dúvidas de que quando Saulo se converteu a Paulo, ele experimentou o que é ser “humilde de espírito” (cf. Mateus 5:3).

Mais tarde ele escreveu na carta aos filipenses que havia coisas que ele buscava e desejava intensamente. Mas quando encontrou Jesus, essas coisas deixaram de ter importância para ele. Na verdade,

ele passou a considerar essas coisas como perda e o que passou a ser importante para ele, depois da sua experiência na estrada de Damasco, foi conhecer Jesus e descobrir o que Jesus queria que ele fizesse. Isso passou a ser seu grande objetivo. (cf. Filipenses 3:1-11).

O mais importante numa experiência como essa não são os detalhes, mas os resultados. A experiência em si, não é um fim, mas um meio para chegar a um fim. A experiência é uma porta pela qual passamos para sermos servos dedicados de Cristo. No Livro de Atos Paulo contou várias vezes os detalhes da sua experiência na Estrada de Damasco. Quando escreveu aos filipenses, ele enfatizou os resultados dessa experiência.

Há cristãos que poderiam ser chamados de “cristãos utilitários”. São aqueles que procuram tirar proveito de Deus e do que Ele pode dar; querem utilizar-se de Deus como se utilizam de um carro, da eletricidade, da água ... Sem perceber, podemos nos tornar crentes só porque acreditamos que Cristo é capaz de resolver todos os nossos problemas. Sem dúvida, quando aceitamos a Cristo, Ele resolve nossos problemas mais sérios. Responda essa pergunta: quando você se tornou seguidor de Cristo apenas quis saber o que Ele poderia fazer por você ou, como Paulo, quis saber o que você poderia fazer pelo seu Senhor e Salvador?

Depois da conversão de Paulo, o livro de Atos registra os acontecimentos que sucederam à sua conversão. O Senhor se manifestou para o velho Ananias e disse: *“Dispõe-te, e vai à rua que se chama Direita, e, na casa de Judas, procura por Saulo, apelidado de Tarso”* (9:11). Só a menção do nome Saulo de Tarso fez o velho Ananias tremer. Ele respondeu: *“Senhor, de muitos tenho ouvido a respeito desse homem, quantos males tem feito aos teus santos em Jerusalém e para aqui trouxe autorização dos principais sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome”* (9:13 e 14). Mas o Senhor ordenou: *“Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel”* (9:15).

Deus revela a Ananias os Seus planos para a vida de Saulo de Tarso. Observe que Deus não disse a mesma coisa para Saulo. Ele simplesmente disse a Saulo: *“...levanta-te e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer”* (9:6). A aplicação que podemos tirar desse ensino para nossas vidas, é que Deus poderia revelar de uma vez, toda a Sua vontade para nossas vidas. Mas Ele não faz isso. Ele nos revela Sua vontade como fez com Saulo, instruindo-nos a cada dia, e uma instrução de cada vez.

A atitude de Ananias quando encontra Saulo de Tarso fazem parte de um dos mais bonitos relatos do Livro de Atos. Quando Ananias compreendeu que aquele terrível inimigo da igreja tinha se con-

vertido, passou a chamá-lo de “irmão Saulo”. O que vemos nesse episódio é o que acontece no meio da igreja de Jesus Cristo: a graça de Deus transformando vidas!

A Experiência de Paulo no Deserto

A história da conversão de Saulo é um desafio para o cristão. Uma impressão rápida que temos é que assim que ele se converte, imediatamente começa a pregar com ousadia o nome de Jesus Cristo em Damasco e em Jerusalém. Mas o que precisamos entender é que entre sua conversão e o início do seu ministério de pregação, Paulo foi para a Arábia, conforme ele relata em Gálatas 1:11-21.

Os estudiosos não são unânimes quanto à duração do período que Paulo passou no deserto da Arábia, mas a maioria concorda que tenha permanecido ali no mínimo três anos. Paulo afirma que o Cristo ressurreto passou com ele três anos, ensinando-lhe tudo que ele escreveu em suas cartas, que compõem metade do Novo Testamento. Depois disso, Paulo foi para Damasco e mais tarde para Tarso sua cidade natal.

Paulo conta que durante quatorze anos depois de sua conversão, ele foi para Jerusalém e conheceu os outros apóstolos (cf. Gálatas 2:1-10). É possível que Paulo os tenha convencido de que ele também esteve com Jesus durante três anos. Ele deve ter contado aos apóstolos coisas sobre Jesus

que só quem esteve com Ele poderia compreender. Foi então que eles decidiram que Paulo pregaria o Evangelho para o mundo gentio e os outros apóstolos pregariam para os Judeus.

Eu não teria feito desse jeito. Eu teria mandado Paulo, o rabino convertido, para os judeus. E os pescadores iletrados como Pedro, Tiago e João, para pregar aos bárbaros gentios. Mas Deus não faz as coisas como nós fazemos. Ele parece ter prazer em usar pessoas comuns para fazer coisas extraordinárias. Deus mandou o rabino e estudioso judeu convertido pregar para os bárbaros gentios e os apóstolos incultos, para pregar aos rabinos e estudiosos da lei judaica.

A primeira metade do Livro de Atos corresponde ao ministério de Pedro, o apóstolo líder; a outra metade, traça o perfil da vida e do ministério do apóstolo Paulo. Enquanto você lê a história da conversão de Paulo, paralelamente examine o que ele relatou nos dois primeiros capítulos de sua Carta aos Gálatas acerca da sua experiência no deserto.

Você vai ter que tomar uma posição em relação a Paulo. Ou ele foi um grande mentiroso ou um apóstolo muito frutífero. Ele mesmo alega ter sido um apóstolo mais frutífero do que os demais (cf. I Coríntios 15:9 e 10), e isso é um fato incontestável. Ele foi o autor de quase metade dos livros do Novo Testamento, que passaremos a estudar depois de

concluir o estudo do Livro de Atos.

Antes de julgá-lo, espere até que tenha lido e examinado com profundidade o conteúdo de suas cartas inspiradas.

Comecei a ler a Bíblia em 1949 na segunda metade do Livro de Atos, preparando-me para um estudo das cartas de Paulo. Tenho plena convicção de que só mesmo o Cristo ressurreto poderia ter revelado para esse homem de Deus, a verdade sublime encontrada em suas cartas.

Encontro com Barnabé

Quando Lucas escreveu a história da primeira geração da igreja, enfocou principalmente os ministérios de Pedro e Paulo. Entretanto, além desses dois grandes líderes, há outras pessoas que foram citadas e que também devemos conhecer a fim de termos uma visão mais completa do início da igreja do Cristo vivo e ressurreto. Uma dessas pessoas foi Barnabé, cujo nome significa “Filho de Exortação” (4:36). Tendo como exemplo o que Jesus fazia, assim também fizeram os apóstolos, mudaram o nome desse discípulo de José, para Barnabé, cujo significado tem a ver com o seu dom espiritual e ministerial. Observando seu ministério, vemos que ele honrou o significado do seu nome; sempre ajudando e encorajando outras pessoas a fazer aquilo que o Senhor ressurreto havia designado que fizessem. De certa forma Barnabé foi o responsável

pelo início do ministério missionário e maravilhoso de Paulo.

Ele estava na igreja de Antioquia discipulando os recém-convertidos. O Espírito Santo operava com poder na igreja e ela experimentara um grande crescimento no número de convertidos.

Esse fato levou Barnabé a pensar no rabino convertido, Saulo de Tarso, que tinha o dom de ensino. Ele viajou para Tarso e procurou Paulo até encontrá-lo e o levou para Antioquia onde ele iniciou o seu ministério. Em Atos 9:27 temos o registro que Barnabé intercedeu a favor desse ex-inimigo da igreja junto aos demais cristãos que viam com desconfiança a vinda de Paulo para Antioquia.

Também se não fosse André, Pedro não teria se tornado apóstolo. Foi André quem apresentou seu irmão Simão Pedro a Jesus. Outra vez André apareceu fazendo esse tipo de trabalho individual com as pessoas, quando descobriu o menino que tinha cinco pães e dois peixinhos que alimentaram uma multidão. Da mesma forma, podemos dizer que não teríamos conhecido o ministério de Paulo se não fosse Barnabé.

Paulo e Barnabé, convictos do seu chamado foram enviados para a igreja de Antioquia onde ambos desenvolveram um ministério frutífero (cf. Atos 13:1-3). Quando estavam prestes a embarcar para

a segunda viagem missionária, os dois tiveram grande desentendimento o que causou a interrupção desse ministério conjunto. Barnabé queria levar seu sobrinho Marcos com eles nessa segunda viagem missionária. Marcos tinha participado da primeira viagem, mas desistiu na metade dela, por causa da perseguição, e por esse motivo Paulo não o queria levar novamente.

Foi tal a discordância entre Paulo e Barnabé que eles acabaram se separando. Paulo foi para uma direção levando Silas e Barnabé foi para outra com Marcos. Parece que em toda a história da igreja sempre os problemas dos missionários são outros missionários.

O diabo sabe que não venceremos o mundo se não estivermos em comunhão. Foi por isso que Jesus enfatizou tanto o relacionamento entre os irmãos (cf. Mateus 5:23,24; 18:15-17).

Não podemos ignorar as últimas palavras que o apóstolo Paulo escreveu de uma terrível masmorra em Roma. Essas palavras foram dirigidas a Timóteo: “Toma contigo Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério”. O que aconteceu para que aquele jovem se tornasse tão útil ao ministério de Paulo? Estudiosos acreditam que Barnabé continuou a trabalhar na vida de Marcos. Esse Marcos foi o homem que escreveu o segundo Evangelho. Agradecemos isso a Barnabé, um homem encora-

jador, um “Filho da Exortação”.

Sempre houve, há, e sempre haverá pessoas na igreja que precisam de alguém que as encoraje e que lhes ministrem individualmente. Você está disposto a ser uma dessas pessoas? Se você é um crente novo, precisa de um Barnabé na sua vida. Se você já é um crente maduro, precisa encorajar e ajudar algum Marcos que está precisando de você. Se você tiver oportunidade, de acordo com o que o Espírito Santo o dirigir, siga sempre o exemplo de Barnabé e encoraje as pessoas ao seu redor, principalmente os recém-convertidos, para que eles sejam tudo o que o Senhor e Salvador quer que eles sejam.

CAPÍTULO 06

“O Padrão do Pentecostes no Plantio da Igreja”

De acordo com Lucas, a disseminação do Evangelho passou por circunstâncias muito importantes. Uma delas está relatada no capítulo 16. Durante a segunda viagem missionária, é despertado em Paulo o desejo de ir para a Ásia a fim de pregar o Evangelho. Mas, conforme lemos, ele e seus companheiros de viagem foram proibidos pelo Espírito Santo. Durante a noite, numa visão, Paulo viu um

homem da Macedônia que dizia: *“Passa à Macedônia e ajuda-nos”* (16:9).

Depois que Paulo teve essa visão, concluimos pelo relato de Lucas, que ele se juntou ao grupo missionário: *“Assim que teve a visão, imediatamente, procuramos partir para aquele destino, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho”* (Atos 16:10). Apesar de Paulo e seus companheiros terem ido para a Ásia logo em seguida, era importante para o Espírito Santo que eles fossem antes para a Macedônia.

Foi movido por essa circunstância que Paulo ministrou pela primeira vez aos gálatas. Quando lemos o que Paulo escreveu aos gálatas a respeito dos problemas de saúde que ele estava tendo naquele momento, concluimos que o Espírito Santo usou o problema de saúde de Paulo para proibi-lo de entrar na Ásia (Gálatas 4:13-15). Essa é uma possibilidade bem razoável se considerarmos que foi nessa ocasião que o médico Lucas se juntou ao grupo.

A primeira cidade que eles visitaram ao entrar na Macedônia foi Filipos. Como foi um homem que apareceu em visão para Paulo pedindo *“passa à Macedônia e ajuda-nos”*, poderíamos supor que ele encontraria centenas de homens esperando ansiosos para ouvir o Evangelho. Ao contrário disso, o que ele encontrou foi um grupo de mulheres junto a um rio fazendo uma reunião de oração. Paulo co-

meçou com o que o Senhor lhe dera, um grupo de mulheres judias para quem ele pregou o Evangelho. Uma dessas mulheres chamava-se Lídia, uma *“vendedora de púrpuras”* (16:14). Isso quer dizer que ela era uma costureira que fazia roupas para famílias reais. A Bíblia conta que quando Paulo abriu a Palavra de Deus, *“o Senhor lhe abriu o coração para atender às cousas que Paulo dizia”* (16:14). Depois ela abriu sua casa para Paulo e sua equipe missionária. A casa de Lídia abrigou a primeira igreja na Europa. A Europa teve e ainda tem templos magníficos, mas no céu essa simples costureira judia poderá alegar que sua casa foi a primeira igreja da Europa.

Nessa cidade, em Filipos, Paulo e Silas foram presos, açoitados cruelmente e jogados na prisão (cf. 16:22-24). Apesar do castigo que lhe foi imposto, à meia-noite esses dois homens cantavam e louvavam o Senhor e os outros prisioneiros os ouviam. De repente, houve um terremoto! Todas os ferrolhos dos prisioneiros caíram e as portas da prisão se abriram. Um terremoto muito interessante esse, que abre portas de prisões!

Quando o carcereiro acordou no meio da noite e viu as portas da prisão abertas, tirou sua espada e ia se matar, mas Paulo gritou: “Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos!”. O carcereiro então perguntou: “Senhores, que devo fazer para que seja salvo?”. E Paulo respondeu: “Crê no Senhor

Jesus e serás salvo, tu e tua casa” (cf. 16:28-30). As palavras seguintes desse relato bíblico são: “*E lhe pregaram a palavra de Deus e a todos os de sua casa*” (16:32). Naquela hora da noite o carcereiro cuidou deles e lavou-lhes os ferimentos; em seguida ele e toda sua família foram batizados. O carcereiro os levou para casa e lhes serviu uma refeição com toda a família e manifestava grande alegria por terem crido em Deus (cf. 16: 34).

Não existe pregação de salvação mais clara do que esta: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa”. Fui salvo e tornei-me discípulo de Jesus Cristo em 1949, quando ouvi essas palavras pela primeira vez. Acredito que esse tenha sido o homem da visão de Paulo que pediu que ele fosse até a Macedônia.

Depois da conversão do carcereiro, os magistrados mandaram uma mensagem dizendo que Paulo deveria ser solto e deixar a cidade (cf. 16:35 e 36). Mas Paulo se recusou a partir daquela maneira, e àquela hora. Ele era cidadão romano e tinha sido açoitado sem julgamento, por isso exigiu que os magistrados o acompanhassem pessoalmente até fora da cidade. Ele deixou Filipos da forma como ele quis, e no momento que quis.

Além de ver Jesus Cristo virar a cidade de Filipos de cabeça para baixo, também foi lá que nasceu a primeira igreja plantada por Paulo. Essa igreja foi

a base de apoio que possibilitou a Paulo visitar outras, como a de Corinto, Éfeso e Tessalônica. Em II Coríntios 8 e 9 vemos que Paulo usou o padrão de contribuição da igreja de Filipos como um exemplo para outras igrejas. Paulo preferiu exercer seu negócio de confecção de tendas do que aceitar sustento de crentes que não eram maduros, que questionavam a autenticidade do seu apostolado, e que mostravam não serem dignos de ser parceiros no seu ministério.

Quando você ler a história de Paulo na cidade de Filipos, nunca se esqueça dessas palavras: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa”. Essas palavras nos desafiam a crer no Senhor Jesus Cristo. Jesus significa Salvador; Cristo, Messias; Senhor significa que fizemos d’Ele nosso Messias Salvador Senhor e Mestre. Você crê que Jesus é seu Salvador e Messias? Ele é o seu Senhor? Se ainda não, “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa”.

CAPÍTULO 07

“A Pregação de Paulo”

“Enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se revoltava em face da idolatria dominante na cidade” (Atos 17:16). Um historiador já escreveu que era mais fácil encontrar ídolos do que pessoas na cidade de Atenas, cidade que estava sendo visita-

da por Paulo. A idolatria o perturbou muito. Ele tinha profundo conhecimento de que ídolos não são deuses e por causa da idolatria, o povo ficava impedido de conhecer o Deus verdadeiro.

A determinação evangelística de Paulo marcou o seu trabalho em todas as cidades por onde passou. Primeiro ele ia para a sinagoga e proclamava aos judeus que “Jesus é o Cristo”. Ele era um rabino e tinha todas as credenciais para afirmar isso. Ele ia para a sinagoga, obtinha permissão para falar e ali pregava e ensinava o Evangelho aos judeus. Essa era a estratégia de Paulo: *“primeiro aos judeus e depois aos gregos”* (cf. Romanos 1:16). Mesmo tendo o chamado para pregar para o mundo não judeu, Paulo se importava com o povo judeu e sempre pregava primeiro para ele. Entendemos essa sua atitude quando lemos Romanos 9:1-5.

O segundo passo da sua estratégia consistia em ir para um lugar público onde se reunia um grande número de pessoas e lá anunciava o Evangelho. Lemos que *“todos os de Atenas e os estrangeiros residentes de outra coisa não cuidavam senão dizer ou ouvir as últimas novidades”* (Atos 17:21). Os gregos eram filósofos e tinham prazer em ouvir algo novo. Assim, Paulo ia todos os dias para o mercado e começava a falar do Evangelho a qualquer um que quisesse ouvir.

O terceiro ponto de sua estratégia era anunciar o

Evangelho para os líderes influentes da comunidade. Como Paulo foi uma das grandes mentes de sua geração, tinha acesso fácil a esses líderes. Quando começou a pôr em prática sua estratégia, logo foi convidado para falar num lugar de grande prestígio na cidade, o Areópago de Atenas. Lá ele pregou o seu famoso sermão que começou assim: *“Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos; porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: AO Deus DESCONHECIDO. Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio”* (17: 22,23).

Paulo foi esperto em sua abordagem. Primeiro ele elogiou os atenienses por serem religiosos e depois ele disse que tinha visto a inscrição que revelava que havia pelo menos um deus que eles alegavam não conhecer e era exatamente esse Deus que ele anunciava.

Depois disso Paulo inicia sua pregação dizendo que somos criaturas do Deus que criou os céus e a terra. Por isso ele não poderia ser feito de ouro, prata, pedra ou madeira. Paulo cita alguns poetas e filósofos gregos e, no final do seu sermão, anuncia a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. A Bíblia conta o que aconteceu nesse momento: *“Quando ouviram falar da ressurreição de mortos, uns escarneceram, e outros disseram: A respeito disso te ouviremos noutra ocasião. A essa altura, Paulo se retirou*

do meio deles. Houve, porém, alguns homens que se agregaram a ele e creram; entre eles estava Dionísio, o areopagita, uma mulher chamada Damaris e, com eles, outros mais” (17: 32-34).

Nem todos os estudiosos fazem a mesma avaliação desse sermão de Paulo. Alguns acham que ele sucumbiu à pressão da cultura intelectual dos gregos quando citou os seus filósofos e poetas e por isso os resultados evangelísticos foram fracos. Não existe nenhuma carta de Paulo aos Atenienses e ele não faz nenhuma referência a alguma igreja de Atenas, como faz citações da igreja em Corinto, em Éfeso e outras. Outros estudiosos discordam. Eu pessoalmente estou convencido de que, depois dessa sua experiência em Atenas, Paulo desenvolveu o seu conceito de pregação evangelística.

O Evangelho Vai para Corínto

De Atenas, Paulo viajou para Corinto. Essa era uma cidade de moral decadente. No mundo do primeiro século, chamar alguém de “corintio” era a mesma coisa que acusar a pessoa de imoral. Paulo temeu pregar o Evangelho numa cidade como Corinto (cf. I Coríntios 2:3). Mas em visão, Deus o encorajou dizendo-lhe: *“Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto eu estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade”* (Atos 18: 9 e 10).

Paulo passou por um Pentecostes pessoal que o preparou para esse ministério em Corínto. Poderíamos dizer que ele teve uma experiência para cada um dos ministérios; com os gálatas, com os efésios, com os filipenses e com os coríntios. Essas experiências foram intervenções divinas que o prepararam e lhe deram a segurança de que o Cristo vivo e ressurreto estava com ele quando implantava sua estratégia evangelística e anunciava o Evangelho de Jesus em cada uma dessas cidades. Os sinais e as maravilhas do Dia do Pentecostes continuaram repercutindo na proclamação do Evangelho de Jesus, e foram esses padrões que fortaleceram o plantio da igreja na sua primeira geração.

A ideia que passei sobre o sermão que Paulo pregou em Atenas coincide com a avaliação que o próprio Apóstolo fez e compartilhou com os crentes de Corínto. Paulo contou que quando foi para Corinto estava determinado a não usar “linguagem persuasiva de sabedoria”, mas simplesmente dar demonstração do Espírito e de poder (cf. I Coríntios 2:1-5). Quando Paulo pregou no Areópago de Atenas, fez uso de “linguagem persuasiva de sabedoria”. Ele citou os poetas e filósofos atenienses e fez um sermão tecnicamente muito bom.

Em grego a palavra “pregação” significa “anunciação”. A mesma palavra usada para indicar a publicação de um decreto de um rei para seus súditos. Quando você estudar a pregação de Paulo nos seis

capítulos seguintes desse livro vai observar que, o que Paulo aprendeu entre a cidade de Atenas e Corinto foi um marco espiritual na construção de sua estratégia para pregação do Evangelho.

Estou convencido de que entre Atenas e Corinto, Paulo passou por alguma crise que influenciou profundamente o seu ministério e sua estratégia de anúncio do Evangelho. Paulo percebeu que pregar o Evangelho era um ministério espiritual e tudo que ele precisava fazer era anunciar o Evangelho de Jesus Cristo. Ele terminou a carta aos coríntios confirmando o Evangelho que lhes tinha pregado. Aos romanos Paulo escreveu: *“Pois não me envergonho do evangelho porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”* (Romanos 1:16).

Depois de Atenas e Corinto, Paulo anunciava a mensagem simples do Evangelho, incluindo nela o testemunho pessoal de sua conversão.

Paulo em Éfeso

O ministério de Paulo em Éfeso foi a realização do seu desejo de alcançar a Ásia com a sua pregação. Seu ministério foi muito frutífero naquela cidade e alguns estudiosos acreditam que a igreja que ele plantou em Éfeso veio a ser a igreja-mãe das outras seis igrejas mencionadas no Livro do Apocalipse: Esmirna, Pérgamo, Sardes, Filadélia e Laodiceia. A carta de Paulo aos Colossenses também pode ter

sido para uma das igrejas filhas da igreja de Éfeso.

Uma das razões por que a igreja de Éfeso foi tão frutífera foi o seminário que Paulo criou na cidade durante dois anos, a escola de Tirano (cf. Atos 19:10). Um antigo manuscrito dá conta de que Paulo ensinava diariamente numa escola, das onze horas da manhã até as cinco da tarde, horário em que as instalações não eram usadas por outras pessoas ou grupos. Naquela parte do mundo, o dia útil é interrompido durante várias horas do dia para a sesta, quando a temperatura é alta demais para se trabalhar ou ministrar aula numa escola.

Pode ter sido nessa escola que Paulo treinou os pastores das igrejas satélites. Esse “seminário” pode ser a explicação porque Paulo ficou em Éfeso por mais de três anos, tempo muito maior do que ele passou em qualquer outra igreja. A igreja de Éfeso recebeu um ensino muito eficaz desse pastor-professor e provavelmente por isso, mais tarde, quando Paulo escreveu a carta aos Efésios, repetiu várias vezes a expressão: “lembrem-se”, referindo-se ao que ele já os tinha ensinado.

Um dos ensinamentos mais profundos de Paulo está no capítulo 20 de Atos. A caminho de Jerusalém, o Espírito Santo o fez saber que lá ele seria preso, acorrentado e açoitado (cf. Atos 20:22-24). Quando chegou num lugar chamado Mileto, região próxima de Éfeso, ele entendeu que nunca mais veria aque-

les crentes em quem tinha investido muito do seu ministério. Por isso ele mandou chamar os líderes da igreja e ali mesmo, na praia de Mileto, despediu-se dos irmãos. Suas últimas palavras para os líderes da igreja foram: *“Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados. De ninguém cobiceis prata, nem ouro, nem vestes; vós mesmos sabeis que estas mãos serviram para o que me era necessário a mim e aos que estavam comigo. Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: ‘Mais bem-aventurado é dar que receber’”* (32-35).

Em Éfeso Paulo trabalhou para o seu próprio sustento; e assim ninguém o podia acusar de pregar e ensinar em troca de algum benefício que pudesse receber dos irmãos. Na verdade, além de se sustentar, Paulo também sustentou a equipe missionária que o acompanhava. Seu desejo era que todos aprendessem o princípio das palavras de Jesus, “Mais bem-aventurado é dar que receber”. Essa deve ser a nossa motivação para trabalhar. Com o fruto do nosso trabalho teremos alguma coisa para dar e poderemos aprender a praticar a nona bem-aventurança de Jesus.

Quando Paulo disse àqueles irmãos que não os veria mais, *“houve grande pranto entre todos e, abraçando afetosamente a Paulo, o beijavam”* (v.37).

Essa é uma demonstração da koinonia ou da comunhão que havia no meio da igreja primitiva.

CAPÍTULO 08

“Padrões de Paulo”

Lemos no capítulo 21 que quando Paulo chegou em Jerusalém, e começou a pregar, a multidão reagiu com grande fúria contra ele (cf. 21:27). Eles o teriam espancado até a morte se não fosse a intervenção dos oficiais romanos que o resgataram. Quando os soldados o levavam para dentro do castelo onde ficaria prisioneiro, Paulo pediu ao comandante que o permitisse falar, pois entendeu que lhe fora dada uma grande oportunidade para pregar o Evangelho.

Esse sermão que está registrado no capítulo seguinte (22) foi diferente daquele do Areópago em Atenas. Paulo não citou os poetas e filósofos nem usou de linguagem persuasiva de sabedoria humana. Ele deu o testemunho da sua experiência com Jesus Cristo e os que estavam presentes reagiram unânimes, “...*gritaram dizendo: Tira tal homem da terra, porque não convém que ele viva!*” (22:22).

Diante da multidão enfurecida foi ordenado que Paulo fosse levado à fortaleza.

Quando os romanos prendiam alguém, costumavam acorrentar a pessoa num poste e açoitá-la; era uma forma de coação e preparação para o interrogatório. Quando eles se preparavam para acorrentar Paulo, ele informou os soldados sua condição de cidadão romano e sendo assim não poderia ser açoitado (v. 29). Paulo poderia ter tido a mesma atitude em Filipos, quando foi preso e açoitado juntamente com Silas; mas não o fez, talvez porque tenha preferido ver os magistrados pessoalmente pedindo-lhes desculpas e colocando-os em liberdade.

Nesse último incidente, quando os romanos viram que não poderiam açoitá-lo, colocaram-no na prisão e no dia seguinte decidiram que ele seria julgado diante do chefe dos sacerdotes e do sinédrio. Aqueles religiosos da multidão que tinham acusado Paulo fariam suas acusações no julgamento.

No capítulo 23 inicia-se uma série de julgamentos que acabou colocando Paulo diante de César. Paulo, olhando para todos do tribunal, percebeu que parte dos que estavam presentes era composta de fariseus e a outra, de saduceus. Os fariseus eram judeus ortodoxos e os saduceus eram liberais. Estes não acreditavam na ressurreição nem no sobrenatural, por isso Paulo, de maneira inteligente, dividiu os participantes do julgamento. Ele declarou solenemente: *“Varões irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseu! No tocante à esperança e à ressurreição dos mortos sou julgado!”* (23:6).

Quando Paulo falou em ressurreição dos mortos, levantou-se uma grande confusão entre os fariseus e os saduceus. Os fariseus tomaram o partido de Paulo. Ele sabia que aquele seria um julgamento injusto, por isso tentou tumultuá-lo, como tinha feito em Filipos. Os soldados tiveram que removê-lo dali e colocá-lo novamente na fortaleza a fim de protegê-lo.

Mais de quarenta desses judeus se reuniram e resolveram fazer um jejum até que Paulo fosse morto. O plano deles era fazer uma emboscada e matar Paulo quando ele fosse trazido novamente para ser questionado (cf. v. 12). Um sobrinho seu, tendo ouvido a respeito dessa conspiração dos judeus, foi até a prisão, fez saber a Paulo e em seguida ao comandante que resolveu livrar-se de Paulo por achar que sua presença só lhe traria problemas. Ele não sabia o que Paulo tinha feito, tão pouco entendia o que os judeus tinham contra ele, por isso chamou seu centurião e disse: *“Tende de prontidão, desde a hora terceira da noite, duzentos soldados, setenta de cavalaria e duzentos lanceiros para irem a Cesaréia; preparai também animais para fazer Paulo montar e ir com segurança ao governador Felix”* (23: 23 e 24).

Não é uma cena interessante? No meio da escuridão, um judeu cercado de quatrocentos e setenta soldados romanos, sai escoltado de uma fortaleza em Jerusalém pela costa do Mediterrâneo, para Cesaréia, na Palestina.

Diante de Dois Governadores

Quando Paulo chegou em Cesaréia, foi levado diante do governador Felix, que convocou os judeus a formalizarem a acusação que tinham contra Paulo. Mais uma vez Paulo trouxe um grande sermão. Dessa vez pregou diante do governador e do tribunal e novamente deu o seu testemunho, contou sua experiência com Deus.

Diante de tudo o que Paulo falou, Felix decidiu que não havia razões para Paulo ser considerado um criminoso. Mas resolveu mantê-lo preso até que fosse decidido o que fazer com aquele prisioneiro diferente (cf. Atos 24: 22 e 23).

O governador Felix, junto com sua mulher Drusila, que era judia, ficaram fascinados com o discurso de Paulo e pediram uma audiência em particular com ele. Paulo ficou muito entusiasmado com a oportunidade, mas o resultado não foi animador. *“Dissertando ele acerca da justiça, do domínio próprio e do Juízo vindouro, ficou Félix amedrontado e disse: Por agora, podes retirar-te, e, quando eu tiver vagar, chamar-te-ei”* (24:25).

O governador foi tocado pelo Espírito Santo com a pregação de Paulo, tanto a que foi feita em público como a que ele fez em particular. Ele chamava Paulo com certa frequência para conversar, mas algumas vezes porque queria receber dinheiro pela sua libertação (24:25-26). Lemos também que ele man-

teve Paulo na prisão para obter favor dos judeus. Depois de dois anos Felix morreu e outro governador chamado Festo tomou seu lugar. Quando o governador Festo descobriu que tinha em suas mãos aquele famoso prisioneiro político-religioso, marcou outro julgamento. Paulo sabia que não conseguiria um julgamento justo num tribunal fortemente influenciado por judeus de Jerusalém. Por isso no tribunal, Paulo apelou para César, o que era um direito de todo cidadão romano (Atos 25:11). A isso o governador respondeu: *“Para César apelaste, para César irás”* (25:12).

Diante do Rei Agripa

Enquanto Paulo esperava transporte para Roma, o governador Festo recebeu uma visita ilustre. O rei Agripa acompanhado da rainha Berenice. Depois de ouvirem falar sobre Paulo, eles disseram ao rei Festo que também gostariam de ouvi-lo (cf. 25:22). Lembre-se que quando Deus revelou a Ananias os planos que tinha para Paulo, Ele disse: *“...este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel”* (Atos 9:15). Essa profecia se cumpriu quando Paulo encontrou o Rei Agripa.

Diante de Agripa e de Berenice, Paulo fez outro impressionante discurso. Mais uma vez ele contou como se converteu na estrada de Damasco. Quando ele estava concluindo o sermão, o governador explodiu: *“Estás louco, Paulo! As muitas letras te fa-*

zem delirar". (Atos 26:24).

No original grego "estás louco" quer dizer "você é excêntrico", ou seja, "você está fora do centro". Realmente, Paulo era excêntrico. Ele tinha outro centro na sua vida que não era ele mesmo. Esse centro era o Cristo ressurreto que ele tinha conhecido na estrada de Damasco. Assim como Felix, o governador Festo também foi impactado com as palavras de Paulo.

Nesse momento Paulo se volta para o rei Agripa, que era judeu, e pergunta: "Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas? Bem sei que acreditas" (27). Agripa disse a Paulo: *"Por pouco me persuades a me fazer cristão"* (28).

Estudiosos da Bíblia não são unânimes a respeito do entendimento desses versículos. Alguns dizem que Agripa não estava sendo sincero sobre se tornar cristão, mas estava sendo sarcástico. Eu discordo. Estou convencido de que Agripa foi sincero, porque a resposta de Paulo a Agripa foi sincera. Paulo lhe disse: *"Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tal qual eu sou, exceto estas cadeias"* (29).

Outra razão pela qual eu acredito que Agripa tenha sido sincero, é o que lemos sobre a resposta do Rei, da Rainha e do governador ao que Paulo tinha dito:

“A essa altura, levantou-se o rei, e também o governador, e Berenice, bem como os que estavam assentados com eles; e, havendo-se retirado, falavam uns com os outros, dizendo: Este homem nada tem feito passível de morte ou de prisão. Então Agripa se dirigiu a Festo e disse: Este homem bem podia ser solto, se não tivesse apelado para César” (30-32).

A Jornada de Paulo Até Roma

A viagem de navio que Paulo fez até Roma é uma das histórias mais marcantes dessa narrativa de Lucas (Atos 27). Paulo demonstrou suas qualidades de líder e deu um testemunho tremendo para todos que com ele sobreviveram àquela viagem. Ele recebeu uma visão do Senhor, que devido às condições ameaçadoras do tempo, o navio não deveria partir, mas os oficiais romanos não deram ouvidos ao conselho daquele prisioneiro.

Depois que a tempestade anunciada chegou e o navio ficou catorze dias sendo batido de um lado para outro por fortes ventos e toda a tripulação com enjoos e sem comer, Paulo discursou para aqueles companheiros de tempestade (27:20-26) e assegurou-lhes que Deus lhe havia aparecido e garantido que apesar da destruição do navio, todos que estivessem a bordo seriam salvos.

Essa palavra profética que Paulo recebeu do Senhor foi plenamente cumprida e os sobreviventes chegaram na ilha de Malta. Para se aquecer, eles

fizeram uma fogueira; uma víbora venenosa fugiu do fogo e prendeu-se na mão de Paulo. Os habitantes da ilha acharam que Paulo deveria ser um terrível criminoso e que Deus estava fazendo justiça com ele. Mas, quando eles viram Paulo sacudir a víbora no fogo e não morrer, começaram a achar que se tratava de um deus.

Quando a jornada chega a Roma feita em outro navio Lucas pinta um lindo quadro da comunidade cristã da igreja do Cristo vivo e ressurreto em Roma. É emocionante ler como se comportaram os cristãos daquela cidade, quando souberam da chegada de Paulo e como ele se sentiu confortado por aquelas pessoas, ao entrar como prisioneiro em Roma.

Quando é levado às autoridades Paulo recebe permissão para viver numa casa alugada, onde ficou sob custódia durante dois anos. Lá, ele tinha permissão para receber os líderes religiosos de Roma. Convicto de sua estratégia de pregar “primeiro aos judeus”, ele lhes anunciava o Evangelho e declarava que Jesus era o Cristo. Alguns creram, mas a maioria era hostil.

Nessa casa alugada, Paulo escreveu as chamadas Epístolas da Prisão: Gálatas, Efésios, Filipenses e Filemon. Lá ele também recebia visitas. As últimas cenas que Lucas descreve desse amado apóstolo mostram-no pregando o Reino de Deus para todos

que o visitavam (28:30 e 31).

Com exceção de alguns detalhes na carta de Timóteo, é através dessa história da igreja contada por Lucas, que temos as últimas informações sobre a vida e o ministério de Paulo. Os teólogos acreditam que Paulo foi julgado diante de César, libertado e sustentado pela igreja de Roma para levar seu ministério missionário para a Espanha.

Nero, imperador romano, incendiou Roma e culpou os cristãos por isso, iniciando uma terrível perseguição à igreja, que durou três séculos. Os cristãos eram odiados e foram declarados inimigos do governo e do povo de Roma. Dentre os apóstolos, Pedro e Paulo eram os mais odiados e assim Paulo foi novamente preso. Os estudiosos afirmam que ele foi mantido numa prisão em Roma de onde escreveu suas últimas palavras para Timóteo antes de ser decapitado.

Você já se sente mais familiarizado com esse grande apóstolo? Ele é o autor dos próximos treze livros que estudaremos. Todos nós precisamos de heróis e exemplos de fé para nos espelhar. Minha oração é que você ame Paulo assim como eu o amei desde a primeira vez que li o Livro de Atos, que acabamos de estudar.

Todos os capítulos desse livro histórico culminam com a visita de Paulo a capital do Império Roma-

no e seu julgamento diante de César. É uma pena que essa narrativa simplesmente pare, sem um fim conclusivo. Os teólogos acreditam que a perseguição seja a explicação para a repentina interrupção desse livro. Observe como nos dois últimos capítulos aparece o pronome “nós”. É muito provável que Lucas estivesse com Paulo naquela viagem de navio e tenha permanecido com ele em Roma. Pode ser ainda que ele tenha sido preso e ficado impossibilitado de terminar esse relato fascinante sobre a história da primeira geração da igreja.

Como eu já observei no início dessa apostila, tudo pode ter sido providencial para que a história da igreja não tenha tido um fim, porque, desde o dia do Pentecostes, nós estamos escrevendo o capítulo de número 29 desse livro, sobre a história da igreja.

Um Breve Estudo Sobre a Carta de Paulo aos Romanos

CAPÍTULO 01

“Visão Panorâmica da Carta de Paulo aos Romanos”

Dos 27 livros do Novo Testamento, 13 foram escritos pelo apóstolo Paulo e o primeiro deles é a Carta aos Romanos. As cartas de Paulo não foram escritas na mesma ordem em que se encontram na Bíblia. Es-

tudiosos teólogos acreditam que essa carta aos Romanos tenha sido escrita no final do seu ministério, quando ele já estava maduro e tinha desenvolvido toda a teologia do Evangelho que ele pregou e que compartilha conosco nessa epístola.

Os setenta e três programas de rádio que fizemos sobre a Carta de Paulo aos Romanos, estudando versículo por versículo, foram organizados em quatro apostilas. Mas nesse estudo, é apresentado um breve comentário do que Paulo ensina na Carta aos Romanos, onde ele faz uma explanação completa sobre o Evangelho que pregou durante todo o seu ministério.

A carta de Paulo aos Romanos é uma obra-prima teológica. Na verdade, o conteúdo dessa carta não tem muito a ver com a igreja de Roma especificamente. Os estudiosos acreditam que Paulo dirigiu essa carta aos crentes de Roma porque a cidade era a capital do mundo naquele tempo.

Ela enfoca e explica com profundidade o significado da palavra “justificado”. Na parábola do Publicano e do Fariseu, (Lucas 18:9-14) Jesus ensina que todo aquele que fizer a oração do pecador, a oração de arrependimento e fé no poder salvador de Jesus Cristo esse é encontrado “justificado” (cf. Lucas 18:14). Essa é a primeira vez que a palavra “justificado” é encontrada no Novo Testamento. Na carta aos Romanos Paulo explica como Deus trabalha

esse maravilhoso milagre da justificação no homem e na mulher. Essa carta é a declaração mais completa da Bíblia sobre justificação.

Ser justificado é mais do que ser simplesmente perdoado; significa que Deus declarou que somos como se não tivéssemos cometido pecado antes e nos tornamos justos. Davi, de maneira profética, introduziu esse conceito no Salmo 51, o salmo da confissão e arrependimento, no qual ele pede que Deus se esqueça de seus pecados.

Leia o Livro de Romanos de uma só vez e tente concentrar o argumento lógico e inspirado do livro. Estou pedindo que você faça isso porque essa carta é, do começo ao fim, uma argumentação. Peça que o Espírito Santo o ajude e, com muita concentração, tente determinar qual o argumento dessa declaração inspirada do Evangelho de Jesus Cristo, esse Jesus que comissionou seus discípulos para pregar a toda criatura, em todas as nações da terra (cf. Marcos 16:15).

Os quatro primeiros capítulos da carta aos Romanos mostram como a justificação se relaciona com o pecador. Ninguém vai se interessar por ser declarado justo, se não for convencido de que é um pecador injusto. Depois de dar as más notícias de que somos todos pecadores, Paulo anuncia as Boas Novas do plano de Deus, por meio do qual podemos ser justificados.

O Plano de Justificação de Deus

De acordo com Paulo, graça é a fonte da nossa justificação (cf. 3:24). A cruz de Jesus Cristo é a base da nossa justificação e a ressurreição de Jesus é a garantia de que somos justificados (cf. 3:25, 4:24 e 25). Paulo conclui essa argumentação dizendo: *“Justificados, pois, mediante a fé temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”* (5:1). Portanto, a fé é o princípio pelo qual podemos aplicar esse milagre ao nosso pecado e sermos declarados justos por Deus. Mais adiante Paulo fala que Deus é o Autor da nossa justificação (cf. 8:33).

É bom notar que sempre que o conceito de justificação é ensinado na Bíblia, surge com ele uma expressão que aparece cerca de 150 vezes. Essa expressão é “aos olhos de Deus”. Existem duas dimensões na justificação; uma horizontal e outra vertical. Se alguém cometer um assassinato, essa pessoa pode ser declarada justa aos olhos de Deus, pela fé nEle, pela confissão e arrependimento do seu pecado. Entretanto não será livre da prisão porque não foi justificada aos olhos da sociedade; ou seja, recebeu a justificação vertical, mas não recebeu a justificação horizontal, a justificação dos homens.

Quando acontece um julgamento diante de um juiz sem júri, as pessoas que assistirem ao julgamento poderão achar que o réu é uma pessoa maravilhosa, mas se o juiz achar que o réu é culpado, ele

será condenado; se as pessoas acharem que o réu é uma pessoa terrível, mas o juiz achar que é inocente, essa pessoa será absolvida. Da mesma forma um dia temos de perceber que, o que realmente importa é o que o Juiz de toda a terra pensa sobre nossa culpa ou inocência. Aí estão as Boas Novas: aos olhos de Deus, poderemos ser como se nunca antes tivéssemos pecado.

Os próximos quatro capítulos (5 a 8) mostram como a justificação se relaciona com a pessoa que é de fato justificada pela fé. Quando Deus nos declara justos, Ele espera que o sejamos de fato e que nossas atitudes sejam de uma pessoa justa (cf. I João 3:7). Nesses capítulos Paulo trata da luta que enfrenta uma pessoa que já foi declarada justificada, e peleja para viver uma vida justa, no poder do Espírito Santo.

Nos três capítulos seguintes, de 9 a 11, Paulo mostra como a justificação se relaciona com todo o mundo e principalmente com Israel. Esses capítulos são muito importantes no que se refere às profecias bíblicas. Neles Paulo fala como Israel estará envolvido nos acontecimentos em todo o mundo.

A afirmação de Paulo é que Israel é o povo escolhido de Deus e isso representa a melhor ilustração que a Bíblia tem a respeito da doutrina da eleição; o ensino que afirma que Deus escolhe os que serão salvos. Ao mesmo tempo, nesses três capítulos

Paulo também afirma que os judeus são a melhor ilustração da realidade bíblica de que Deus criou o homem com a capacidade de livre escolha. Paulo argumenta que os judeus escolheram não ser escolhidos. Eles rejeitaram Jesus Cristo e a salvação.

Segundo Paulo, Deus castigou os judeus por terem rejeitado o Messias e voltou-Se para o mundo não judeu. Depois de castigar os judeus com um número suficiente de gentios salvos, Deus vai voltar novamente para eles e “todo o Israel será salvo” (cf. Romanos 11:26).

Nós temos visto o cumprimento da profecia do Velho Testamento referente à volta dos Judeus da dispersão por todo o mundo, para restabelecer a nação de Israel. Paulo se une aos profetas do Velho Testamento quando profetiza um retorno espiritual dos judeus; um retorno para Deus. Esse retorno espiritual ainda não aconteceu. Nesses três capítulos (9 a 11), Paulo mostra que quando eles voltarem espiritualmente para Deus, o plano de justificação para todo o mundo será cumprido através de Israel.

Os cinco últimos capítulos, de 12 a 16, correspondem a uma aplicação prática do conteúdo dessa carta. Todas as cartas de Paulo se dividem em duas partes; uma de ensino e outra de aplicação. Observe sempre essa divisão nas cartas de Paulo: ensino e aplicação.

Os oito primeiros capítulos dessa carta aos Romanos correspondem à declaração do evangelho que Paulo pregou e deixou escrita para a igreja; os três capítulos seguintes (9 a 11) são mais difíceis de entender e correspondem a uma declaração teológica e profética; os últimos cinco capítulos, por sua vez são mais fáceis de entender por que tratam da aplicação do Evangelho.

CAPÍTULO 02

“Tal Como Era, Ainda é Hoje”

O primeiro capítulo da carta de Paulo aos Romanos é como o primeiro capítulo do Livro de Gênesis. Os textos bíblicos que falam de princípios não estão simplesmente contando como as coisas eram, mas mostram algo que Deus quer que entendamos hoje. Quando Paulo relaciona a justificação com o pecador, afirmando que todos somos pecadores, ele coloca todos sob o julgamento de Deus.

A seguir ele estabelece uma relação entre Deus e o homem “tal como era, ainda é hoje”. Deus acusa o homem natural de suprimir a verdade e transformá-la em injustiça (cf. Romanos 1:18). Isso quer dizer que os pecadores deliberadamente suprimem a verdade porque querem justificar seus próprios estilos de vida injustos e pecaminosos; eles não querem ver a verdade revelada por Deus, que é a forma

como deveriam conduzir suas vidas. Jesus ensinou um princípio em João 7:17, que todo aquele que quiser fazer a vontade de Deus, saberá qual é essa vontade. O contrário também é verdadeiro; a pessoa que não quiser fazer a vontade de Deus, não saberá que vontade é essa.

Deus tem outras acusações contra os homens: eles são ingratos, sempre transformam a verdade em mentira; adoram e servem a criatura ao invés do Criador; trocam a ordem natural das coisas (homossexualismo); não querem reter o conhecimento de Deus e, além de encontrarem prazer no pecado, também têm prazer em que os outros pequem.

Paulo passa a apresentar algumas respostas de Deus aos homens e, por três vezes, usa a expressão “Deus os entregou” (cf. 1:24, 26 e 28). Ele não quis dizer que Deus desistiu do homem. Deus os entregou e ainda hoje entrega o homem à sua própria vontade. Deus nos criou com direito de escolha e não vai mudar esse princípio.

Imagine que nossas vidas sejam como um livro. A ideia de escrever esse livro é de Deus e Ele tem um projeto sobre como escrevê-lo. Mas Deus nos entrega a caneta e diz: “Pode terminar sua história do jeito que você quiser, mas você vai arcar com as consequências”.

O Caráter do Homem – Tal Como Era, Ainda É

Paulo apresenta um trágico fim para aqueles que decidem terminar a história do seu jeito. Segundo Paulo, quando Deus os entrega a sua própria natureza, os homens se tornam vãos em seus próprios pensamentos e seus corações se tornam obscuros. Ele resume o quadro dizendo que os homens ficam cheios de “toda injustiça”. Quando Paulo fala em injustiça, descreve o caráter do homem tal como era e ainda é hoje (cf. 1:29-32). Ele afirma o que Isaías falou que *“todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho ...”* (Isaías 53:6).

O Caráter de Deus – Tal Como Era, Ainda É

Paulo é brilhante em sua argumentação quando fala do caráter humano. Ele vai do caráter do homem para o caráter de Deus e declara que Deus é justo e que a justiça de Deus também revela a Sua ira contra a injustiça (1:18). Em outras palavras, Deus é o padrão absoluto do que é certo, Ele exige que Suas criaturas sejam justas e condena a injustiça.

Dois atributos do caráter de Deus são revelados nesse versículo chave: a justiça e a ira de Deus. Nesse texto Paulo constrói seu argumento; a questão não é apenas o nosso caráter, mas também o caráter de Deus. Não somos apenas pecadores; mas, pecadores condenados. Temos dois problemas que não podemos resolver. As Boas Novas dessa carta são que Deus já resolveu esses dois

problemas para nós.

Depois que Isaías deu as más notícias de que andávamos nos nossos próprios caminhos, ele pregou as Boas Novas que “o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós” (Isaías 53:6b). Paulo fez a mesma coisa quando falou sobre o Evangelho.

A ira de Deus pode ser definida como “uma atitude consistente e permanente de santidade em relação ao que não é santo”, ou “uma atitude consistente e permanente de um Deus amoroso em relação àquilo que está destruindo aqueles que Ele ama”. As Escrituras declaram que o amor é a essência de Deus. Mas quando aqueles que Ele ama estão em perigo e prestes a serem destruídos pelo pecado, nosso Deus amoroso dá vazão à Sua ira.

Deus odeia e condena o pecado porque o pecado destrói aqueles que Ele ama.

CAPÍTULO 02

“Tal Como Era, Ainda é Hoje”

Paulo sintetiza o tema dos quatro primeiros capítulos com o primeiro versículo do capítulo cinco: *“Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”*. Ele introduz o assunto dos quatro capítulos seguintes com este versículo: *“...por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na*

qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus” (5: 1,2). Nossa fé na cruz de Cristo nos justifica e nos dá paz com Deus. A fé também nos dá acesso à graça que permite que representemos Cristo neste mundo e vivamos uma vida que exalte Jesus e glorifique a Deus.

Quatro Reis

Agora que fomos justificados pela fé, que vida devemos ter como pessoas que foram declaradas justificadas? Paulo começa a responder essa pergunta com um ensino que pode ser intitulado “Quatro Reis” (cf. 5:12-21). Poderíamos chamar o primeiro rei de “Rei Pecado”. Lemos que o Rei Pecado entrou neste mundo e “abundou” ou “se espalhou por todos os homens” (12). Paulo não entra numa discussão filosófica sobre como ou porque o pecado entrou no mundo. Ele simplesmente escreveu que o pecado entrou, abundou e reinou.

O segundo, é o Rei Morte. Este veio imediatamente após o Rei Pecado. Mais tarde Paulo declarou que *“o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor” (6:23).* O pecado sempre traz consequências e essas consequências não são boas. Uma delas é literalmente a morte. Mas morte aí também é uma metáfora e significa que o pagamento do pecado é terrível. Cedo ou tarde, todos acabarão diante de um banquete de consequências. O rei Morte sempre vem depois do Rei Pecado.

Esses dois primeiros Reis são a má notícia, mas os próximos dois reis são as notícias boas. De acordo com Paulo, existe um terceiro rei que entrou em sua vida, abundou e reinou; e Seu nome é Jesus Cristo. O Rei Jesus conquistou o Rei Pecado na cruz e conquistou o Rei Morte quando ressuscitou dos mortos.

A seguir Paulo apresenta outra Boa Nova. O quarto rei que é o Rei Você. Pela fé você pode entrar na vida em Cristo e abundar em Cristo. E aqueles que entram na vida em Cristo e recebem pela graça e através da fé o dom de justiça “reinarão em vida através de Jesus Cristo”. Em outras palavras, é possível, pela fé em Cristo, reinarmos em vida através d’Ele (cf.5:17). Jesus Cristo disse: *“eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”* (João 10:10). O que Paulo disse foi que podemos entrar na vida abundante em Cristo.

Esses quatro Reis são conquistadores. Mas assim como não podemos conviver com um câncer maligno, também não podemos conviver com o pecado. O pecado nos conquista enviando o Rei Morte. Mas quando, pela fé e graça, entramos na vida abundante em Cristo, somos vencedores sobre o pecado e temos vida abundante. Quando Paulo concluiu essa reflexão no capítulo oito, ele declarou que “somos mais que vencedores” sobre o pecado e em vida abundante (cf. 8:37).

Quatro Leis

A metáfora dos quatro reis inicia o argumento dos próximos quatro capítulos dessa carta. O conhecimento desses quatro reis nos prepara para ouvir sobre quatro leis espirituais definidas por Paulo nos capítulos sete e oito. Se quisermos aprender a ser vencedores por Cristo, temos que aprender essas quatro leis espirituais.

A primeira é “A Lei de Deus” (7:1-6). A Lei de Deus é a Sua Palavra (cf. Salmo 1:1 e 2). A Palavra de Deus é um grande milagre. A fé vem pelo ouvir a Palavra de Deus; ela é a semente incorruptível que gera vida espiritual em nós (cf. Romanos 10:17; I Pedro 1:22,23).

A Lei de Deus traz à tona a segunda lei espiritual: “A Lei do Pecado e da Morte”. Essa segunda lei refere-se à inquestionável e absoluta afirmação que o pecado sempre traz consequências (cf. 7:25). De acordo com Tiago, a Palavra de Deus é como um espelho (cf. Tiago 1:23). A função do espelho é mostrar nossas imperfeições para que as possamos corrigir antes de sair em público. De certa forma, a Palavra de Deus mostra o pecado em nossas vidas para que o vençamos antes de interagirmos com outras pessoas. Às vezes não é agradável encarar o espelho. Quantos de nós, por causa disso, já nos livramos dos espelhos de nossa casa?

Semelhanteramente aos quatro Reis, as duas primei-

ras leis espirituais anunciam más notícias; a terceira e quarta leis espirituais anunciam as Boas Novas. Paulo chama a terceira lei espiritual de “*A Lei do Espírito e da Vida em Cristo*” (cf. 8:1-4). As boas novas são que essa lei é capaz de nos libertar da “Lei do Pecado e da Morte”.

Assim como a lei da aerodinâmica supera a lei da gravidade e permite que um imenso avião voe, a “Lei do Espírito da Vida em Cristo” é a lei da “aerodinâmica espiritual” que nos possibilita levantar acima da “Lei do Pecado e da Morte”.

Se isso é verdade, por que tantos de nós gastam tempo como se estivéssemos pilotando aviões equipados com super motores que nunca levantam voo? Mesmo depois de receber o Espírito Santo, por que não voamos alto e não superamos a “Lei do Pecado e da Morte”?

A resposta para essa pergunta nos leva à quarta lei espiritual: a “Lei da Disposição Mental”. Paulo escreveu: “Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito. Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz” (8:5-6). Se não conseguimos superar a “Lei do Pecado e da Morte” é porque temos nossas mentes inclinadas para a carne.

Um dos ensinamentos mais profundos de Jesus pode ser chamado de “A Lei da Disposição Espiritual”. Ele ensinou que a maneira como enxergamos a vida vai determinar se ela é cheia de alegria ou de tristeza (cf. Mateus 6:22 e 23). Os líderes espirituais, atletas, diplomatas e homens de negócio sabem da importância dessa predisposição mental.

Medite sobre essas quatro leis espirituais e depois pergunte a si próprio qual é a sua predisposição mental. A “Lei da disposição mental” pode determinar qual a lei que governa sua vida; se a “Lei do Espírito da Vida em Cristo” ou a “Lei do Pecado e da Morte”,

CAPÍTULO 04

“Todas as Coisas”

“Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha ser restituído? Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (11: 33-36).

Com essa doxologia Paulo encerrou a parte de ensino da sua obra-prima teológica. Nela Paulo de-

clara que Deus é a Fonte e o Poder de todas as coisas e que Sua glória é o propósito de todas as coisas. Paulo usa a expressão “todas as coisas” com frequência e com muita responsabilidade. (cf. Romanos 8:28; II Coríntios 9:8). A que exatamente Paulo se referiu quando escreveu “todas as coisas” nessa doxologia?

Eu sugeri que você dividisse os 16 capítulos dessa carta em quatro partes para identificar qual foi a argumentação usada por Paulo. Agora, eu quero que você esqueça tudo sobre capítulos e versículo e procure entender o argumento que Paulo utilizou nessa carta. Os números de capítulos e versículos foram inseridos nas Escrituras somente no século XII. Antes disso não havia essa divisão. Às vezes essas divisões nos desviam da lógica do texto bíblico.

Quando Paulo termina de falar sobre as quatro leis espirituais (8:13), ele aborda a expressão “todas as coisas” dessa doxologia e apresenta uma visão geral de como Deus nos traz para a salvação. Ele destaca a soberania de Deus no processo da nossa salvação: *“Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E os que predestinou, a esses também chamou, e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou”* (8:29, 30).

Essa passagem cresce para outra doxologia. O apóstolo declara que Deus está naqueles que O receberam. Ele está com aqueles que andam em obediência e Ele é para aqueles que são chamados de acordo com o Seu plano. Quando Deus está em nós, conosco e é para nós, nada pode ser contra nós e nada pode nos separar do Seu amor. Paulo concluiu o capítulo oito com uma doxologia que responde a essa pergunta.

Mantenha esses pensamentos inspirados e inspiradores com você no estudo do capítulo nove, onde o apóstolo ampliou o sentido de uma das palavras usadas na citação acima. Essa palavra é “predes-
tinou”. Quando Paulo ampliou o conceito do que chamamos “eleição”, fez desse capítulo um dos mais difíceis, mas também um dos mais importantes textos da Bíblia.

Paulo ilustra esse conceito com a figura dos gêmeos Esaú e Jacó no ventre de sua mãe. Nenhuma das crianças tinha praticado bem ou mal e Deus disse: *“O mais velho será servo do mais moço ... Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú”* (9:12, 13) Deus já tinha um destino, um plano para os gêmeos mesmo antes de eles nascerem.

Um dos meus teólogos preferidos sugeriu que esse ensino fosse mantido como um segredo de família entre os crentes. Não podemos esperar que as pessoas que ainda não tenham recebido o dom da

salvação e o Espírito Santo entendam esse ensinamento. É difícil até para muitos crentes entenderem por que dá a impressão de que Deus é injusto. Geralmente a primeira reação dos crentes, quando se deparam com esse ensino nas Escrituras, é não acreditar que seja verdade. A resposta do apóstolo a esse pensamento é um desafio a que leiamos o Velho Testamento. Uma vez ouvi uma frase de alguém que dizia: “Que estranho Deus escolher os judeus”.

Para muitos, toda a história do Velho Testamento é uma ilustração do ensinamento sobre eleição. Dentre todas as nações da história antiga, Deus escolheu Israel. Como já destaquei antes, esses três capítulos, 9, 10 e 11, também ilustram o oposto da eleição, porque Israel escolheu não ser escolhido e até hoje permanece nessa escolha.

Através de Isaías Deus exorta que não devemos tentar compreender os pensamentos de Deus nem os Seus caminhos. Ele avisou que a maneira de pensar e de agir de Deus é diferente da nossa, assim como o céu está distante da terra (cf. Isaías 55: 8,9).

Paulo nos desafia com algumas perguntas: *“Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para desonra?”* (9:20,21). Paulo tam-

bém explica que a eleição não é a questão principal. Se fomos escolhidos para salvação, a questão é que fomos salvos pela graça e não por algo que tenhamos feito, ou como resultado do nosso próprio esforço (cf. 9:11).

A doxologia com a qual iniciei esse capítulo e com a qual Paulo encerrou a parte doutrinária dessa obra-prima teológica é a única maneira com a qual podemos responder a tudo o que Paulo compartilhou conosco, inclusive o ensino sobre eleição. Nessa doxologia Paulo lembra que quando Deus decidiu como faria todas as coisas, não precisou que nenhum de nós fosse Seu conselheiro, porque conforme Paulo declara, Deus é a Fonte e o Poder e o propósito de todas as coisas.

CAPÍTULO 05

“E Daí?”

Mantenha essa doxologia em mente enquanto estudamos o capítulo 12. Sempre que Paulo usa a palavra “pois” devemos querer saber por que ele a usou. Esse foi um sábio conselho que recebi há mais de cinquenta anos e que tem servido para que eu acompanhe a lógica desses textos do apóstolo Paulo. É geralmente assim que ele inicia a seção prática de suas cartas. Quando ele começa a aplicar as verdades que ensinou, usa a palavra “pois”

para nos remeter ao início da sua argumentação (cf. 1:17).

“Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (12:1,2).

Algumas pessoas resistem entregarem-se a Deus por imaginar que a vontade de Deus as possa levar para lugares ruins e inimagináveis. Mas Paulo diz que a vontade de Deus é boa, agradável e perfeita (v.2). Como podemos saber qual é a vontade de Deus para nossa vida? Paulo apresenta cinco passos para conhecermos a vontade de Deus.

Primeiro: coloque Deus no centro da sua vida. Como Deus é a Fonte de todas as coisas, e o Seu Poder e propósito estão por trás de tudo, a coisa mais sensata que se tem a fazer é colocá-Lo no centro da nossa vida.

Segundo: seja comprometido com Deus. Devemos submeter nossa vontade a vontade dEle. Lembre-se do princípio que Jesus ensinou que “se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina...” (João 7:17). Isso quer dizer que a pessoa que realmente quer fazer a vontade de

Deus vai conhecer essa vontade.

Terceiro: esse passo é uma atitude passiva. Paulo diz para sermos convertidos por Deus, “...*transformai-vos pela renovação da vossa mente*”. A sua participação no seu nascimento físico foi passiva. O mesmo podemos dizer em relação ao novo nascimento. Quando nossas mentes são renovadas, nossa participação é passiva e a de Deus, ativa (cf. II Coríntios 3:18; 5:17 e 18). Com relação à “renovação da nossa mente”, temos a oportunidade de comprovar que o plano de Deus para nós é bom, satisfaz todas as Suas exigências e nos leva à maturidade espiritual.

A seguir temos o quarto passo: “*E não vos conformeis com este século*” (v.2). Em outras palavras: “não seja como todo mundo.

Não deixe que o mundo o pressione a tomar a sua forma”. Se isso acontecer, você estará sujeitando a vontade de Deus à sua própria vontade. Se você se moldar a Jesus Cristo, fica inconformado com o mundo. Seus valores não se encaixam com os valores das pessoas do mundo.

Finalmente o quinto passo é confirmado em Cristo. De acordo com Paulo, uma maneira de fazer isso é perceber que o Espírito Santo trabalha através do Seu povo dando dons espirituais (cf. caps 3-8); esses dons confirmam nossa vida em Cristo e nos

preparam para o ministério que Deus tem para nós. Quando descobrimos os dons com os quais Deus nos capacitou e nos entregamos a Ele e exercitamos esses dons, somos levados à vontade de Deus e ao propósito da nossa salvação (cf. Efésios 2:10).

Seja Verdadeiro!

Paulo continua fazendo a aplicação do seu ensino e exortando a que, nas igrejas locais da qual fazemos parte, pratiquemos todas as verdades ministradas nessa carta. *“O amor seja sem hipocrisia”* (v.9). Essa tradução da Bíblia usa a expressão *“sem hipocrisia”*, outra diz: *“O amor deve ser sincero”*. E mais: *“Detestai o mal, apegando-vos ao bem”* (v.9). Paulo convocou a igreja a ser realmente pura e santa.

Ele também convocou a igreja a ser humilde: *“em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde; não sejais sábios aos vossos próprios olhos”* (v.16). A humildade é uma virtude espiritual muito valorizada entre os apóstolos. A seguir, Paulo convoca todos a serem unidos. A unidade que Paulo descreve é baseada no fato de que todos somos um em Cristo e membro do Seu corpo.

Quando Paulo escreveu *“amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal”* (v.10), ensinou que devemos ter amor verdadeiro uns pelos outros.

O amor que ele descreve aqui é o mesmo sentimento sobre o qual ele escreveu em I Coríntio 13:4-

7. Essa aplicação que Paulo fez sobre o amor é muito importante e aparece em todas as suas cartas.

A seguir Paulo convoca todos para a solidariedade: *“...compartilhai as necessidades dos santos”* (13). Paulo lista a hospitalidade como um dos dons espirituais. No grego o termo usado para hospitaleiro tem uma ideia mais ampla do que simplesmente hospedar; Paulo ensinou que devemos ser mais do que hospitaleiros; o sentido literal é “perseguir” os outros com amor. A respeito da contribuição, Paulo é enfático em ensinar que ela deve ser usada na propagação do Evangelho e na necessidade dos crentes.

Paulo convoca a igreja a trabalhar com zelo. A atividade não pode ser trocada por produtividade. Paulo escreve: *“No zelo, não sejais remissos; sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor”* (v.11). Ele exorta que sejam estabelecidas prioridades. Às vezes muitos de nós nos envolvemos em muitas atividades e acabamos controlados pela chamada “tirania do urgente”. Não separamos tempo para focalizar nossas prioridades com o temor de Deus. Paulo sabia quais eram suas prioridades. Em Filipenses 3:13, ele escreveu: *“...mas uma coisa faço...”*. Observe como aqueles servos de Deus sobre os quais lemos na Bíblia são unânimes com Paulo na disciplina de enfocar suas prioridades. Davi escreveu no Salmo 27:4: “Uma coisa peço ao Senhor e a buscarei”. O que Davi e Paulo priorizaram foi o re-

lacionamento deles com Deus e viver Sua vontade diariamente. Jesus Cristo é o maior exemplo na Bíblia no que se refere a enfocar prioridades. Paulo continua exortando aqueles que creem na verdade maravilhosa do Evangelho a ter uma motivação verdadeira, a ter uma vida de testemunho, oração e fé (cf. 12: 14-21). Procure observar e aplicar toda essa obra prima teológica, ensinada na Carta aos Romanos, na sua vida, e no seu dia a dia.

Crentes Cidadãos

Embora haja momentos em que tenhamos que praticar a desobediência civil, quando as autoridades e as leis contrariam os ensinamentos e os mandamentos de Deus, conforme aprendemos no Livro de Atos, no capítulo 13 Paulo ensina como aplicar o Evangelho da justificação pela fé como cidadãos. Nesse capítulo Paulo escreveu três vezes que as autoridades são *“ministros de Deus”*: *“pois é ministro de Deus, vingador, para castigar o que pratica o mal”* (13:4).

Paulo não estava falando de autoridades cristãs, mas de soldados romanos. Quando Paulo disse que as autoridades são *“ministros de Deus”*, ele ensina que elas são estrategicamente colocadas e ordenadas como ministros do Evangelho para aplicar a Lei de Deus. O ensino é: se você quer ficar bem com as autoridades, obedeça à lei. Mas se você roubar ou cometer homicídio e a espada for usada contra você, as autoridades estarão sendo minis-

tros de Deus na sua vida.

O conceito de lei e ordem tem suas origens em Deus. Por isso a fonte da autoridade daqueles que aplicam a lei está em Deus. Mas quando um governo é corrupto e decadente e suas leis são contrárias à Lei de Deus, a desobediência civil encontra respaldo bíblico (cf. Atos 5:29).

Disputas Entre Discípulos

No capítulo 14, Paulo faz uma aplicação do seu ensino enfocando os desentendimentos entre os discípulos da igreja em Roma. Paulo ainda não tinha visitado aqueles discípulos, mas conhecia-os através de companheiros de ministério que tinham passado por lá ou que eram residentes em Roma. Ele sabia das disputas que havia entre eles.

O primeiro Concílio da Igreja foi convocado para resolver essa questão: discípulos gentios não queriam viver como judeus, enquanto discípulos judeus queriam continuar vivendo como judeus ortodoxos (cf. Atos 15). O Concílio determinou que os discípulos gentios não tinham que ser judeus, e os discípulos judeus poderiam manter suas tradições judaicas, uma vez que os dois grupos seguiam a Cristo. Apesar dessa questão ter sido oficialmente resolvida, continuaram a existir sérias diferenças, principalmente referentes à alimentação e celebração dos feriados santos judaicos.

Alguns judeus cristãos continuaram a celebrar o “Sabbath” (o sétimo dia) como o dia que deveria ser separado para Deus, para adoração, descanso e renovação. Para comemorar a ressurreição de Jesus, os apóstolos, que eram todos judeus, mudaram o dia de adoração para o primeiro dia da semana. Os gentios convertidos não viram razão para separar o sábado para adoração.

Paulo aconselhou os cristãos romanos para resolverem essa disputa com a seguinte orientação:

“Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente” (14:5). Além da questão do “Sabbath”, alguns crentes consideravam o primeiro dia da semana como “O Dia do Senhor” e outros consideravam todos os dias da semana como Dia do Senhor.

O que a expressão “opinião bem definida” significa nessa questão? Primeiro Paulo diz que devemos ter opinião bem definida referindo-se à consciência. Dizem que “a consciência é uma voz baixa que nos faz sentir mais baixos que ela”. No geral a consciência é a resposta do treinamento que recebemos durante anos a fio dos nossos pais ou tutores.

Paulo não define a consciência como um guia seguro e confiável, mas aconselha que ouçamos nossa consciência quando ela nos diz que algo está errado. Ele confirma a resolução do primeiro Concílio

da Igreja que estabeleceu que os judeus cristãos deveriam respeitar as tradições referentes à comida e feriados religiosos e que os discípulos gentios não deveriam ser forçados a tornarem-se judeus e praticantes de tais coisas.

Paulo foi além, quando escreveu *“cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente”* (14:5). Ter opinião bem definida ou ter convicção não é uma questão de simplesmente agir conforme aquilo que nossos pais nos ensinaram. A convicção é resultado do trabalho do Espírito Santo em nossas vidas. O Espírito Santo não convence todas as pessoas da mesma maneira.

Paulo foi mais adiante, ensinando que devemos sempre decidir essas questões com base na consideração pelo irmão que pensa diferente (cf. 14:10-23), porque temos uma responsabilidade para com ele.

Paulo definiu bem esse princípio para os Coríntios (Cf. I Coríntios capítulos 8-10). Ele escreveu aos romanos e aos coríntios que a questão não consiste no que é certo ou errado, mas no quanto você ama seu irmão. Nossas atitudes não devem levar nosso irmão a tropeçar. Devemos fazer tudo para edificação e crescimento uns dos outros. Por último Paulo ensinou a resolver essas disputas com base no amor descrito em I Coríntio 13, o capítulo do amor.

O Coração Missionário de Paulo

No capítulo 15 o apóstolo Paulo revela um pouco mais dele. Ele tinha todo o mundo no seu coração. No Livro de Atos vimos que ele tinha como principal objetivo chegar em Roma. Mas agora, escrevendo aos romanos ele manifesta o desejo de ir para a Espanha (cf. 15:24). Sua visão se estendia além de Roma. Ele desejava chegar a Roma porque contava com a ajuda dos crentes romanos para pregar o Evangelho na Espanha!

Aplicação Pessoal

Devemos conservar o desafio que o apóstolo Paulo faz ao mundo inteiro, e de maneira tão completa nessa carta. Concluindo nosso estudo sobre a Carta aos Romanos, o desafio que temos diante de nós é aplicar os seus ensinamentos em nossa própria vida. É importante que tenhamos paz com Deus através da fé em Jesus Cristo e no que Ele fez por nós na cruz. Que tenhamos acesso pela fé, à graça, para viver como justificado por Deus e glorificá-lo. Que reinemos pela fé com nosso Rei Jesus. Que tenhamos disposição mental para a *“Lei do Espírito e da Vida em Cristo”*, que nos liberta da *“Lei do Pecado e da Morte”*.

Vamos aplicar a verdade dessa carta em nossa igreja, junto com nossos irmãos e irmãs, como cidadãos e no relacionamento com as autoridades. Por último, como fez esse amado apóstolo, vamos

aplicar a verdade profunda dessa obra-prima teológica àqueles que nunca ouviram esse Evangelho glorioso. Como Paulo, somos devedores para com todos ao nosso redor e devemos estar sempre prontos para pregar e compartilhar sem timidez, as Boas Novas de Cristo, porque *“é o poder de Deus para salvação de toda aquele que crê”* (Romanos 1:16b).